



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS/INGLÊS

JOSÉ TAYRONE GOMES PEREIRA

**O CORAÇÃO DE *LUCY*:
RELAÇÕES AFETIVAS SOB O SIGNO DA COLONIALIDADE**

JOÃO PESSOA

2024

JOSÉ TAYRONE GOMES PEREIRA

**O CORAÇÃO DE *LUCY*:
RELAÇÕES AFETIVAS SOB O SIGNO DA COLONIALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras-Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Flávia Santos de Araújo

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436c Pereira, José Tayrone Gomes.

O coração de Lucy: relações afetivas sob o signo da colonialidade / José Tayrone Gomes Pereira. - João Pessoa, 2024.

68 f.

Orientadora: Flavia Santos de Araújo.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Jamaica Kincaid. 2. Lucy. 3. Colonialidade. 4. Relações afetivas. I. Araújo, Flavia Santos de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as redes afetivo-amorosas presentes na trajetória da protagonista de *Lucy*, da escritora caribenha Jamaica Kincaid, destacando como as formas de afeto são moldadas pelos legados do colonialismo. A pesquisa, de caráter qualitativo e natureza bibliográfica, adota uma abordagem interseccional para investigar como o amor e suas diversas manifestações influenciam a experiência migratória da personagem principal, que sai de Antígua e Barbuda para os Estados Unidos. Com base nos aportes teóricos de autoras como bell hooks (2010, 2021), Regina Navarro Lins (1948), Patricia Hill Collins (2000), Marcos Lacerda (2019), Angela Davis (1981) e Audre Lorde (2007), o estudo examina as interseções entre raça, gênero, sexualidade, classe e nacionalidade, revelando dinâmicas de poder nas relações íntimas ao longo da trajetória de Lucy. A pesquisa explora, sob a perspectiva dos estudos decoloniais e da crítica feminista negra, como a colonialidade atravessa as concepções afetivas, particularmente para mulheres negras na diáspora africana nas Américas, e discute como elas constroem redes afetivas que desafiam os paradigmas coloniais.

Palavras-chave: *Lucy*, Jamaica Kincaid, colonialidade, relações afetivas.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the affective and romantic networks present in the journey of the protagonist in *Lucy*, a novel by Caribbean writer Jamaica Kincaid, highlighting how forms of affection are shaped by the legacies of colonialism. The research, qualitative in nature and bibliographical in scope, adopts an intersectional approach to investigate how love and its various manifestations influence the migratory experience of the main character, who leaves Antigua and Barbuda for the United States. Drawing on the theoretical contributions of scholars such as bell hooks (2010, 2021), Regina Navarro Lins (1948), Patricia Hill Collins (2000), Marcos Lacerda (2019), Angela Davis (1981), and Audre Lorde (2007), the study examines the intersections of race, gender, sexuality, class, and nationality, revealing power dynamics in the intimate relationships throughout Lucy's journey. From the perspective of decolonial studies and Black feminist criticism, the research explores how coloniality shapes affective conceptions, particularly for Black women in the African diaspora in the Americas, and discusses how these women forge alternative paths to build affective networks that challenge colonial paradigms.

Keywords: *Lucy*, Jamaica Kincaid, coloniality, affective relationships.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimento a minha mãe, Missilene Gomes da Silva, por ter me criado, protegido, educado e por ter me dado amor: um amor particular, atravessado pelas suas próprias experiências de desamor e faltas, que encontrou em seus filhos o amor que tanto buscou.

Ao meu pai, Moacir Pereira de Lacerda Filho, por ter me levado à escola, mesmo sob chuva e sol, nos dias em que eu acordava atrasado. Sua dedicação me ajudou a enxergar não apenas o homem que sou, mas também o homem que não desejo ser.

À minha irmã, Ingrid Gomes Victor Bernardo, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando a seguir meus sonhos e objetivos. Você é um exemplo de mãe, que mesmo com as condições na qual foi criada, ressignificou a maternidade e o amor.

À minha irmã Tatiana Gomes Pereira, que me ensinou a diferença entre desejo e amor, mostrando que o amor nem sempre se manifesta em relacionamentos afetivos e sexuais.

Ao meu irmão Wersley Gomes Victor da Silva, por ter sido em minha infância um símbolo de admiração e respeito.

À minha orientadora Flávia Santos de Araújo, por seu apoio e incentivo constantes durante todo o meu processo de pesquisa e escrita. Você me fez entender que o amor não apenas existe, mas também resiste nos corpos marginalizados, revelando que o amor é muito mais do que uma simples palavra; é uma força transformadora que transcende barreiras. Que mãe Oşun abençoe sua vida a cada dia, proporcionando-lhe sabedoria e força. Que você colha os frutos abundantes das sementes que plantou nesta universidade, e que seu legado continue a inspirar e transformar vidas por muitos anos.

Às professoras Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior, Maria Aparecida de Oliveira e Juliana Henriques de Luna Freire, por me fazerem enxergar a academia de uma nova forma. Cada uma de vocês ampliou minha visão sobre o conhecimento e a importância das diversas experiências e identidades que compõem nosso espaço acadêmico. Obrigado por explorarem as complexidades que vão da branquitude à negritude comigo.

Aos meus professores(as) e colegas de graduação que contribuíram para meu desenvolvimento pessoal e profissional, em especial a David Paredes, Lucas Gondim, Drielle Cristina, Lívia Camilly e Janio Alves.

À Victor Guilherme Silva Nobrega Crispim, por ter me ensinado o verdadeiro significado de vida, morte e amor em um relacionamento. Você me mostrou como a falta de ação e intenção do amor torna uma relação baseada em outros sentimentos, exceto o amor.

Por fim, agradeço aos meus guias, aos espíritos da natureza e a minha ancestralidade, por nunca me abandonarem e estarem sempre comigo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. COMO PODE UM CORPO NEGRO MIGRATÓRIO AMAR?	17
1.1. Antígua e Barbuda e o legado do colonialismo	17
1.2. Lucy e os paradigmas coloniais dos afetos na trajetória migratória	19
2. TEIAS MATERNAS: MATERNAGENS (IM)POSSÍVEIS E SEUS (DES)AFETOS ..	30
2.1. De <i>au pair</i> a cuidadora: uma outsider na família do sonho americano	32
2.2. Entre o sonho e a realidade: a idealização de Mariah como figura materna	37
2.3. Entre amor e ressentimento: a relação ambivalente entre Lucy e sua mãe Annie Potter ...	41
3. AS COMPLEXIDADES DO AMOR ROMÂNTICO: VULNERABILIDADE, DESILUSÃO E AUTONOMIA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

O primeiro registro sobre o amor na literatura pode ser encontrado nas obras da antiga Mesopotâmia, com destaque para "O Cântico de Amor de Shu-Sin", datado por volta de 2000 a.C. Este poema sumério é considerado uma das mais antigas expressões literárias de amor romântico. Shu-Sin foi um rei da Terceira Dinastia de Ur, e o poema celebra o amor e o desejo entre ele e uma de suas esposas.

De acordo com o artigo "Qual é o poema de amor mais antigo da humanidade" escrito por Jorge Luis Gutiérrez "O Cântico de Amor de Shu-Sin" faz parte de um conjunto de textos conhecidos como "cânticos de casamento sagrado" ou "rituais de *hieros gamos*" (Gutiérrez, 2011, p. 3). Nestes rituais, o rei, representando o deus Dumuzi, se unia simbolicamente à deusa Inanna através de sua esposa terrena. Este rito não apenas celebrava o amor e o desejo entre o rei e sua esposa, mas também era carregado de significado religioso e social.

Na mitologia mesopotâmica, Dumuzi era o deus da vegetação e da fertilidade, enquanto Inanna era a deusa do amor, da fertilidade e da guerra. O casamento sagrado entre o rei e a esposa terrena, representando Dumuzi e Inanna, simbolizava a união divina entre os deuses, que por sua vez garantia a fertilidade da terra e a prosperidade do povo. Portanto, o poema não apenas exaltava o amor humano, mas também servia como uma forma de celebrar a fertilidade da terra e o sucesso das colheitas, elementos essenciais para a sobrevivência e o bem-estar da comunidade.

Além disso, o casamento sagrado também tinha implicações políticas, pois fortalecia a posição do rei como um governante legitimado pelos deuses. Ao se associar aos deuses através do casamento sagrado, o rei garantia o apoio divino para o seu reinado e reforçava sua autoridade sobre o povo. Essa conexão entre o poder político e o poder divino era fundamental para a estabilidade e a coesão da sociedade mesopotâmica.

Outro achado importante sobre o amor na literatura data do período do Reino Novo, por volta de 1070 a.C., no antigo Egito, os *poemas de amor* destacam-se como achados significativos. Segundo Thamis Malena Marciano Caria, em seu artigo "Aspectos da condição feminina no antigo Egito" (2023), esses poemas, encontrados no papiro Chester Beatty I da dinastia 20^a e no papiro Harris 500 da dinastia 19^a, oferece uma visão preciosa sobre a representação das mulheres na sociedade egípcia da época. Caria observa que as mulheres eram tratadas de maneira igualitária aos homens, com a mãe exercendo autoridade

final sobre os casamentos, enquanto o pai tinha o papel de instruir seu filho sobre como tratar as mulheres, especialmente a futura esposa. Além disso, os poemas trazem o desejo, a afeição e a beleza feminina, como exemplificado na citação, “Brilha radiosa e sua pele resplandece, sedutor é o fitar de seu olhar, doce a palavra de seus lábios, seu falar é (sempre) contido (...) as pernas proclamam sua perfeição, graciosa é seu porte ao andar no chão.” (Caria, 2023 , p. 95)

O conceito de amor romântico e suas características de pureza e beleza segundo Regina Navarro Lins em *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*, tem suas origens na literatura e na cultura ocidental, especialmente a partir da Idade Média, quando começou a ser idealizado em poemas e canções (Lins, 1948, p. 86). Esse amor é frequentemente associado à ideia de um vínculo profundo e exclusivo entre duas pessoas, o que se alinha com a prática da monogamia. A construção do amor romântico, portanto, não é apenas uma questão de sentimentos, mas também de normas sociais que moldam as relações interpessoais.

A monogamia, como uma forma de organização familiar, está intimamente ligada ao patriarcado. Lins afirma que historicamente, a monogamia foi utilizada como um meio de controle social e econômico, onde a propriedade e a linhagem eram passadas através de relações monogâmicas (Lins, 1948, p. 40). Isso resultou em uma estrutura em que as mulheres eram frequentemente vistas como propriedades dos homens, reforçando a ideia de que seus corpos e suas escolhas eram controlados por figuras masculinas.

Além disso, o amor romântico e a monogamia perpetuam a ideia de que o amor verdadeiro deve ser exclusivo e que a felicidade de uma pessoa está atrelada a um único parceiro. Essa visão pode levar a dinâmicas de possessividade e ciúmes, que são frequentemente justificadas por normas culturais que valorizam a exclusividade. O controle dos corpos das mulheres é, portanto, uma extensão desse sistema, onde a sexualidade feminina é regulada e muitas vezes subordinada às necessidades e desejos masculinos.

Para a contemporaneidade, o amor perdeu todo esse simbolismo sagrado e é frequentemente descrito como um sentimento avassalador, capaz de consumir os corações e as mentes daqueles que o experimentam, transcendendo qualquer racionalidade ou explicação lógica. Para o poeta Luís de Camões, o amor é "fogo que arde sem se ver", uma metáfora poderosa que evoca uma referência bíblica do livro de Coríntios sobre a intensidade e a intangibilidade desse sentimento, enquanto para o poeta e dramaturgo brasileiro Vinicius De Moraes, ele é comparado a uma "chama", sugerindo calor, luminosidade, paixão e

finitude. No entanto, apesar dessas belas descrições poéticas, a verdadeira essência do amor muitas vezes escapa à definição precisa, levando à confusão com gestos simples de carinho ou atenção. A complexidade do amor reside em sua capacidade de transcender as palavras e se manifestar em ações, que para bell hooks em *Tudo sobre amor: novas perspectivas* (2021) é uma mistura de vários ingredientes como por exemplo, carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação, assim como a vontade de se dedicar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa no sentido de querer o melhor para que a pessoa cresça assim como você em todas as áreas possíveis (hooks, 2021, p. 12). Além disso, é fundamental reconhecer que as manifestações do amor são vastas e variadas, indo muito além da esfera erótica ou sexual. Existem formas de amor que se expressam em diversas dimensões da vida cotidiana e das relações interpessoais. O amor pode se manifestar através da amizade, do cuidado, do apoio incondicional e do entendimento profundo, que não necessariamente estão ligados a um desejo romântico ou físico. Essas formas de amor são igualmente significativas e contribuem para a construção de conexões humanas autênticas e enriquecedoras. Dessa forma, a visão de hooks nos convida a expandir nossa compreensão do amor, apreciando suas múltiplas formas e reconhecendo a importância de cada uma delas na formação de relacionamentos saudáveis e significativos.

Em diálogo com hooks e Lins, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar de que maneira as formas amorosas atravessam a trajetória da protagonista na obra *Lucy* (1990), da escritora caribenha Jamaica Kincaid, entendendo como as múltiplas formas de amor foram influenciadas pelo colonialismo/colonialidade. Os capítulos deste trabalho são desenvolvidos de maneira que a fundamentação teórica se vincula à análise, buscando promover uma escrita mais coesa e fluida, integrando teoria e leitura crítica literária de forma concomitante. Assim, o primeiro capítulo fornece um panorama histórico sobre o colonialismo em Antígua e Barbuda e seu legado com o intuito de dar suporte a análise ao mostrar como ocorriam as relações afetivas para a população negra diante dos processos de escravização, e como essas formas afetivo-amorosas se reconfiguram através da colonialidade contemporânea refletida dentro do romance.

No segundo capítulo, examinarei o contexto sócio-político da maternidade/maternagem entre mulheres brancas e negras, traçando as linhas gerais do legado colonial até a trajetória de Lucy. A partir desse ponto, a análise se debruçará sobre a complexa relação entre Lucy e sua mãe, destacando como os resquícios do colonialismo

moldam a dinâmica mãe-filha, sobretudo na vivência migratória da protagonista que sai de Antígua e vai viver nos Estados Unidos. Além disso, a análise se aprofundará nas dinâmicas entre Lucy, sua empregadora Mariah, e Miriam, a filha de Mariah, iluminando como esses vínculos afetivos refletem as intrincadas relações inter-raciais, de gênero, de nacionalidade e de classe. Lucy, ao assumir um papel materno substituto na casa de seus empregadores, destaca as contradições de uma relação em que ela é simultaneamente indispensável e subordinada. Essa interação nos convida a examinar as intersecções entre poder e afeto, revelando como, mesmo sendo uma presença central na estrutura familiar, Lucy permanece marginalizada, evidenciando as complexas camadas de dependência e dominação presentes nesse contexto.

Por fim, o terceiro capítulo abordará uma definição crítica do amor, explorando como a internalização de conceitos distorcidos pode impactar profundamente os relacionamentos. Ao buscar em diversos parceiros e em outras pessoas a satisfação de uma carência emocional, muitas vezes reforçada pela idealização de um amor associado à branquitude, intensificam-se os sentimentos de vazio e solidão. Esse entendimento será essencial para analisar as dinâmicas afetivas de Lucy. A protagonista, marcada pela ausência do amor idealizado que esperava receber de sua mãe na infância, reflete esse vazio em seus relacionamentos ao longo da narrativa. Incapaz de alcançar o amor perfeito que tanto anseia, Lucy se vê presa em um ciclo de relações superficiais e insatisfatórias, em que o desejo de preencher sua falta emocional nunca se concretiza. Essa desconexão entre o amor idealizado e a realidade afetiva da protagonista é central para compreender sua trajetória e os padrões de comportamento que ela repete ao longo da obra.

Em todo este percurso de análise, destacaremos como o corpo negro em diáspora de Lucy é marcado pelos ideais da metrópole colonial, do “sonho americano”¹, que também moldam as percepções e aspirações relacionadas ao afeto. Por fim, discutiremos como

¹ O "Sonho Americano" é um conceito cultural e um ethos nacional amplamente associado aos Estados Unidos, que defende a ideia de que qualquer pessoa, independentemente de sua origem social, econômica ou racial, pode alcançar o sucesso e a prosperidade por meio do trabalho árduo, da determinação e da iniciativa individual. Ele simboliza oportunidades iguais para todos e a possibilidade de mobilidade social, com ênfase na liberdade, nos direitos civis e na busca pela felicidade. Enraizado na Declaração de Independência dos EUA que proclamou que “todos os homens são criados iguais” com direito a “vida, liberdade, propriedade e a busca pela felicidade”, a ideia do sonho americano foi solidificada a partir dos anos 1930, logo após da era chamada “Great Depression”. Uma das grandes referências do conceito é o livro *The Epic of America*, de James Truslow Adams (1931). O sonho americano segue sendo um ideal intangível para várias populações marginalizadas pelo sistema capitalista exploratório que sustenta o país.

Kincaid provoca deslocamentos no desenvolvimento subjetivo da protagonista que busca caminhos alternativos na construção de afetos que rompem com o *script* da colonialidade.

Ao nos debruçarmos nas epistemologias afrobrasileiras, em particular aquelas relacionadas às religiões de matriz africana como o candomblé, encontramos outras possibilidades de entender o amor. Uma delas repousa sobre os arquétipos dos Orixá, como, por exemplo, Oxum, a senhora do ouro, rainha das cachoeiras, Orixá do amor, da fertilidade e da beleza. Segundo Cristian Sales em seu artigo “Das Águas Ìyá Oxum: saberes ancestrais femininos em poesias negras diaspóricas”, a energia de Oxum está conectada à feminilidade, à maternidade e à sensualidade, sendo reverenciada como uma protetora dos relacionamentos amorosos, dos afetos e das famílias (Sales, 2020, p. 140-141). Assim, Oxum representa a essência do amor incondicional e da generosidade, inspirando a busca pela harmonia e pelo bem-estar emocional. Seu culto e suas festividades celebram não apenas o amor humano, mas também a conexão profunda entre os seres humanos e o divino, destacando a importância da espiritualidade na compreensão e expressão do amor em suas vidas .

O amor vai além do contato corpóreo, pois ele é o cruzamento de almas que se reconhecem e se conectam em um nível mais profundo do que a mera presença física. É uma troca de energias, emoções e experiências que transcendem as limitações do corpo e se entrelaçam em uma dança etérea de afinidade e compreensão mútuas. Essa conexão íntima entre almas é o que torna o amor tão poderoso e transformador, pois é capaz de inspirar crescimento, cura e plenitude em ambas as partes envolvidas. O amor verdadeiro é uma jornada de descoberta e crescimento conjunto, onde almas se unem em um vínculo que ultrapassa tempo e espaço.

No entanto, essas definições e perspectivas sobre o que é o amor e os seus efeitos para a população negra, especificamente no período da escravização, foram distorcidas, diminuídas e até indisponibilizadas diante das duras realidades da opressão e da desumanização. Naquele contexto brutal da invasão colonial, o amor muitas vezes se manifestava de maneiras corajosas e resilientes, como a solidariedade entre os oprimidos, o cuidado compartilhado nas comunidades e até mesmo gestos de sacrifício para proteger os entes queridos. Apesar dessas adversidades, o amor continuou a ser uma força vital nas vidas dos povos negros escravizados, oferecendo conforto, esperança e até mesmo resistência contra as injustiças. A literatura negra diaspórica oferece diversas representações desse amor, desafiando narrativas históricas e propondo outros imaginários. Por exemplo, em

Zami: uma nova grafia de meu nome, uma biomitografia (originalmente publicada em 1982), Audre Lorde explora a intersecção entre amor, identidade e resistência, destacando as conexões afetivas entre mulheres negras e o poder transformador e revolucionário dessas relações. Em *Se a rua Beale Street falasse* (originalmente publicado em 1974), James Baldwin retrata o amor em meio à injustiça racial, mostrando como as relações amorosas podem ser uma forma de resistência e uma fonte de esperança em tempos de destruição. Por fim, Conceição Evaristo, em *Canção para ninar menino grande* (publicado em 2018), revela o amor materno, sexual e comunitário, abordando como essas relações são fundamentais para a sobrevivência e a dignidade das mulheres negras diante das adversidades sociais. Esses textos ilustram como a literatura negra diáspórica proporciona novas visões sobre o amor, mesmo em face das amarras do legado colonial.

Portanto, é essencial a utilização da literatura na educação como ferramenta de denúncia e outras formas de entender e imaginar o amor nos contextos afro-diáspóricos. Como argumenta Antônio Candido em "O Direito à Literatura" (1989), "(...) A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas." (Candido, 1989, p. 113) Através da literatura de autoria negra, somos expostos, por exemplo, a diferentes perspectivas e realidades sobre a escravização, especialmente no que tange às relações de afeto e amor forjadas pela população negra no contexto colonial. Tais perspectivas são, muitas vezes, ignoradas, silenciadas ou distorcidas nas narrativas históricas tradicionais. A literatura afro-diáspórica pode oferecer formas alternativas de pensarmos o amor e os afetos, os arranjos sociais que advém dos vínculos afetivos, além de servir como imaginário contra-hegemônico ao ideal do amor romântico e seu legado colonial, hetero-patriarcal e cisnormativo.

Durante a minha graduação, especialmente na disciplina de Cultura dos Povos de Língua Inglesa, ministrada pela Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo, tive o primeiro contato com as ricas e diversas produções artístico-literárias afro-diaspóricas. Esse encontro inicial foi verdadeiramente transformador, pois me permitiu mergulhar em narrativas e experiências que, de outra forma, talvez não tivesse conhecido. Foi uma experiência profundamente inspiradora, impulsionando-me a refletir sobre questões de identidade, pertencimento e justiça social de uma maneira mais ampla e inclusiva.

Conhecer as literaturas afro-diaspóricas me proporcionou uma nova perspectiva sobre a história e as experiências dos povos africanos e seus descendentes ao redor do

mundo. Através dessas obras, pude aprender sobre as lutas e conquistas dessas comunidades, bem como sobre sua rica herança cultural e contribuições para a sociedade global. Além disso, esse estudo me levou a questionar e aprofundar minha compreensão sobre questões relacionadas ao racismo, colonialismo, colonialidade, decolonialidade e discriminação, tanto histórica quanto contemporaneamente.

Posteriormente, ingressei em um projeto de pesquisa intitulado “Gênero, Raça e Classe na literatura de mulheres afro-diaspóricas: aproximações possíveis”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior, que visava examinar obras de escritoras afro-diaspóricas dos Estados Unidos, Antígua e Haiti, explorando temas como racismo estrutural, opressão patriarcal e exclusão socioeconômica enfrentadas por mulheres racializadas. O projeto me levou a enxergar que não há muitos trabalhos acadêmicos relacionados a obra *Lucy* de Kincaid e aquele fato me inquietou, pois percebi uma lacuna significativa no campo da pesquisa literária. O fato de haver poucos estudos sobre essa obra sugere que sua importância e relevância podem não ter sido plenamente reconhecidas ou exploradas até o momento. Isso me motivou ainda mais a empreender essa pesquisa, não apenas para oferecer a minha contribuição para um campo pouco explorado, mas também para construir uma análise mais aprofundada e crítica sobre os temas e questões levantados por Kincaid nessa narrativa e no conjunto de sua obra.

Outro projeto que teve um impacto significativo na minha pesquisa foi o coordenado pela Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo, intitulado “‘Nós escolhemos amar’: o amor e seus múltiplos sentidos na literatura afro-diaspórica das Américas”. O estudo do amor nesse contexto me permitiu perceber como o ideal de amor propagado pela branquitude — com suas definições distorcidas e hierarquias de poder — pode nos afastar de uma compreensão mais autêntica, complexa e genuína do amor. A partir desse entendimento, fui levado a refletir sobre como essas concepções distorcidas influenciam nossos relacionamentos e a forma como experienciamos o amor, muitas vezes criando expectativas irreais e decepções.

O projeto “‘Nós escolhemos amar’” foi particularmente transformador para mim em dois níveis. Primeiramente, a reflexão sobre as múltiplas formas de amar tornou-se pessoalmente relevante após uma decepção amorosa que me deixou desacreditado do amor. Esse episódio, embora doloroso, despertou meu interesse em explorar mais profundamente as complexidades e nuances do amor, especialmente à luz das discussões de bell hooks sobre o amor verdadeiro, fundamentado em respeito, cuidado, aceitação e igualdade. Em segundo

lugar, ao ler *Lucy* pela primeira vez, senti uma forte identificação com a protagonista em vários momentos da trama, especialmente em relação às questões de amor e a idealização projetada sobre as pessoas. Lucy, assim como eu, enfrenta uma desilusão profunda ao perceber que o amor que esperava e idealizava não se concretizava. Sua trajetória de busca pelo amor verdadeiro, ao mesmo tempo que luta para se desvencilhar de expectativas impostas pela sociedade e pela cultura colonial, ressoou com minha própria jornada pessoal. Assim, o projeto, a obra *Lucy* e minha vida pessoal formam uma tríade inseparável na minha busca por compreender o amor em suas múltiplas nuances, como desenvolvido por bell hooks, e é marcado pelas complexas intersecções de gênero, raça e aceitação. A pesquisa me permitiu não apenas analisar as diferentes formas de amar na literatura, mas também compreender como essas experiências afetam profundamente as identidades e interações, especialmente para aqueles que, como Lucy e eu, desafiam as concepções tradicionais do amor.

Para desenvolver um estudo de *Lucy*, desenvolvi uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica. Dada a ausência de tradução da narrativa para o português, optarei por trabalhar diretamente com o texto original, utilizando citações em inglês como base para minha análise. No entanto, em vez de simplesmente reproduzir o texto em inglês, buscarei interpretar os trechos relevantes, utilizando minha escrita crítica e argumentativa como meio de mediação e tradução. Isso permitirá não apenas acessar diretamente a voz autoral e os matizes linguísticos da obra, mas também proporcionará uma análise mais profunda e contextualizada. Ao fazer essa escolha metodológica, buscarei garantir a fidelidade à obra original, ao mesmo tempo em que explorarei suas nuances e significados no contexto de sua produção através de um olhar crítico-interpretativo.

Considerando que a obra a ser analisada apresenta características autobiográficas, é importante conhecermos um pouco sobre a autora. Jamaica Kincaid, nascida em 25 de maio de 1949 em St. John, Antígua e Barbuda, é uma escritora cujo trabalho é profundamente influenciado por suas experiências pessoais e apresenta uma crítica incisiva ao colonialismo britânico no Caribe. Seus textos exploram temas como a colonialidade, a maternidade e as complexas vivências das mulheres sob o domínio colonial, frequentemente entrelaçando elementos autobiográficos. Aos 16 anos, Kincaid deixou sua terra natal para trabalhar como *au pair* nos Estados Unidos, imergindo em um ambiente culturalmente distinto. Sua carreira literária começou em 1973, quando passou a contribuir para a renomada revista *The New*

Yorker. Em 1983, ela lançou sua primeira coletânea de contos, *At the Bottom of the River*, e em 1990, publicou *Lucy*, o romance que solidificou sua reputação internacional como uma das principais vozes literárias da contemporaneidade.

O romance *Lucy* se passa nove anos após a emancipação política de Antígua e Barbuda do Reino Unido. A obra narra a trajetória de Lucy, uma jovem habitante de Antígua e Barbuda que, devido a um lar disfuncional, à escassez de amor filial e ao sonho de ter uma vida melhor, decide migrar para os Estados Unidos para trabalhar como *au pair* na casa de Mariah, uma mulher branca de família abastada. No entanto, o sonho americano nutrido por Lucy, de que tudo seria perfeito, feliz e que sua vida iria melhorar ao chegar nos Estados Unidos, foi rapidamente frustrado. Lucy se depara com a realidade de um país que, apesar de suas promessas, está repleto de desigualdades e injustiças. A expectativa de uma vida melhor é substituída pela luta diária para se adaptar a um ambiente muitas vezes hostil, onde suas esperanças são constantemente desafiadas e sua identidade questionada.

Ao longo da história, cada evento significativo na vida da protagonista se entrelaça com memórias de sua terra natal, criando uma conexão entre o passado e o presente. Isso revela como o passado de Lucy afeta a construção de sua própria identidade no presente. Conforme a construção da personagem se desenrola, torna-se evidente como o amor profundo que ela nutria por seus familiares, especialmente sua mãe, transforma-se em um sentimento de profundo desgosto e aversão.

Ao chegar na casa de Mariah, Lucy é vista como uma simples visitante que está apenas dizendo um longo "oi" e que dirá um curto "adeus", mesmo repousando em um local que não seria escolhido para acomodar visitantes brancas. Ao desempenhar suas responsabilidades como *au pair*, a protagonista desenvolve um vínculo amoroso significativo com Mariah e sua filha, Miriam. À medida que a história avança, Lucy mergulha em um mundo de contrastes culturais e sociais, confrontando sua própria identidade e valores enquanto se adapta à vida nos Estados Unidos. Ela é confrontada com a realidade da desigualdade racial e econômica, bem como com as complexidades das relações familiares e sociais em um ambiente estrangeiro. Apesar das dificuldades e dos conflitos internos, Lucy encontra conforto e apoio na relação afetuosa que desenvolve com Mariah, Miriam e Peggy, sua única amiga estrangeira. Essa ligação desafia as fronteiras raciais e sociais estabelecidas pela sociedade. A história de Lucy é um retrato profundo das

experiências de imigrantes, das lutas pessoais e das complexidades das relações humanas em um mundo globalizado.

As considerações finais deste trabalho retomarão aspectos fundamentais da pesquisa ao mesmo tempo que indicarão o amplo campo de investigação que a obra de Kincaid pode propiciar para futuros projetos. O amor e seus desdobramentos é um campo vasto, potente e intrigante na literatura afro-diáspórica contemporânea e se reconfigura como uma experiência repleta de obstáculos, opressões e traumas para os povos negros da diáspora. Contudo, em um mundo onde vidas negras são desamadas e descartadas através de políticas de morte, o amor também é um movimento de escolha pela transformação, pela humanidade dos corpos negros e pela possibilidade de vida e sua reinvenção. O amor segue sendo reelaborado e vivenciado em suas ambivalências e complexidades nos múltiplos dinamismos do imaginário afro-diaspórico como um verdadeiro fenômeno de aquilombamento e potência de transformação.

1. COMO PODE UM CORPO NEGRO MIGRATÓRIO AMAR?

1.1. Antígua e Barbuda e o legado do colonialismo

As ilhas de Antígua e Barbuda, situadas no Caribe, têm uma história rica e complexa de colonização e exploração que remonta ao final do século XV. Segundo Tolson, Richard et al. no artigo “Antígua and Barbuda” (2024), Cristóvão Colombo, em sua segunda viagem ao Novo Mundo em 1493, foi um dos primeiros europeus a chegar a Antígua, inaugurando um período de contato entre os povos indígenas locais e os exploradores europeus. Posteriormente, a história de Antígua e Barbuda foi marcada por períodos de controle por diferentes impérios europeus. Tanto a Espanha quanto a França tiveram influência nas ilhas em momentos distintos, mas foi o domínio britânico que se estabeleceu de maneira mais duradoura.

Os britânicos colonizaram Antígua no início do século XVII, iniciando uma era que moldaria significativamente o destino dessas ilhas. Durante este período, Antígua tornou-se uma colônia centrada na produção de açúcar. Esta economia baseada no açúcar dependia da exploração intensiva de mão de obra escrava africana. Os escravizados eram submetidos a condições de trabalho extremamente desumanas nas plantações de cana-de-açúcar, contribuindo para a acumulação de riqueza por parte dos colonizadores britânicos. A chegada dos britânicos trouxe mudanças drásticas para os povos indígenas e os africanos trazidos como escravos. As plantações de açúcar transformaram a paisagem econômica e social de Antígua e Barbuda, e a economia açucareira rapidamente se tornou a espinha dorsal da colônia. A brutalidade e a exploração inerentes ao sistema escravista deixaram cicatrizes profundas nas comunidades locais. Os africanos escravizados não apenas enfrentaram condições de trabalho severas, mas também a desumanização e a perda de suas culturas e identidades.

A abolição da escravização em 1834 traz mudanças profundas na estrutura social e econômica de Antígua. No entanto, os desafios persistiram, uma vez que as comunidades agora libertas enfrentavam a tarefa complexa de construir novas formas de vida e lidar com as marcas deixadas pela longa era da escravização. A transição para uma sociedade pós-escravidão foi marcada por dificuldades econômicas e sociais. Os antigos escravizados e seus descendentes tinham que se adaptar a uma nova realidade, onde a liberdade nominal

muitas vezes não se traduzia em igualdade econômica ou social. As consequências da abolição foram multifacetadas. Embora a liberdade tenha sido um passo crucial para a justiça, a falta de suporte econômico e social para os ex-escravizados perpetuou muitas das desigualdades do período escravista. Muitos libertos continuaram a trabalhar nas plantações em condições semelhantes às anteriores, devido à falta de alternativas econômicas e de terras próprias. A estrutura de poder e a hierarquia social, profundamente enraizadas no período colonial, continuaram a influenciar a sociedade antiga e barbudense.

A luta pela independência e por um futuro pós-colonial só começou a ganhar força no século XX. Antígua e Barbuda finalmente alcançaram a independência do Reino Unido em 1981, marcando um novo capítulo na história das ilhas. No entanto, apesar desse avanço, o país segue enfrentando grandes desafios, permanecendo em reconfigurações do sistema colonial exploratório e lutando para superar problemas econômicos e sociais herdados do período colonial. De acordo com bell hooks em “Vivendo de amor” (2010) durante esse período de dominação, os escravizados que buscavam sobreviver ao sistema opressor, tiveram que aprender várias formas de resistência, como por exemplo, reprimir todos os seus sentimentos possíveis, incluindo o amor, pois essas emoções poderiam trazer graus de vulnerabilidade com possíveis consequências punitivas severas. A autora nos traz a seguinte reflexão:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor. (bell hooks, 2010, sp)

No excerto acima, as condições nas quais o povo negro se encontrava impossibilitava a vivência livre do amor. É evidente que a brutalidade do contexto escravocrata, marcado por eventos como a venda de entes queridos e outras formas de violência afetiva, criou um ambiente onde as relações interpessoais, incluindo a experiência do amor, foram profundamente restritas. A extrema pobreza, a repressão das emoções e a fragmentação familiar e comunitária contribuíram para uma compreensão distorcida do que conhecemos como amor nas hierarquias do sistema colonial. Para essas pessoas, a condição de escravizado/a tornou difícil experimentar ou manter relações amorosas saudáveis e duradouras. Além disso, o ato de reprimir emoções foi passada de pai para filho através do

legado colonial e mesmo após a escravização, chorar em qualquer situação tornou-se um símbolo de fraqueza e mais um motivo para mais punição. Mediante a esse cenário, hooks questiona “como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo (...)” (hooks, 2010, sp). Em decorrência dessa estrutura opressora e do conceito deturpado de amor resultante da escravização, os indivíduos libertos, ao tentarem construir famílias após a abolição, frequentemente replicavam o padrão patriarcal colonial hetero e cisnormativo, com suas hierarquias de gênero e raça.

1.2. Lucy e os paradigmas coloniais dos afetos na trajetória migratória

Diante desse contexto histórico, como podemos entender o contexto diegético no romance de Kincaid? Na infância, Lucy buscava incessantemente a aprovação e o amor maternos. Sendo a única filha, ela desenvolveu um vínculo especial com sua mãe, considerada como uma extensão dela. Posteriormente, nos Estados Unidos, a protagonista reconhece isso: “Oh, it was a laugh, for I had spent so much time saying I did not want to be like my mother that I missed the whole story: I was not like my mother—I was my mother”(Kincaid,1990, p. 57). Essa comparação evidencia que o desenvolvimento afetivo de Lucy estava intimamente ligado ao desenvolvimento afetivo de sua mãe assim como ao desenvolvimento de sua identidade e crenças. Subsequentemente, com o nascimento dos seus três irmãos e com a idealização de um futuro promissor para cada um deles, o amor que ela sentia pela sua mãe se transforma em aversão. Isso ocorre porque seus pais, ao contrário da visão de futuro que projetavam para seus irmãos, não enxergavam em Lucy um potencial para grandes realizações. Em vez disso, eles a viam destinada a papéis secundários de servidão e marginalização, o que a fez sentir-se desvalorizada e aprisionada em expectativas limitantes. Aos filhos, projetava-se um caminho de progresso, estudos e independência econômica, enquanto Lucy percebia-se de fora deste esquema de projeção. Sua condição de mulher, que antes a aproximava da mãe, seria agora como um lugar de negligência e invisibilidade como podemos ver a seguir:

(...) each time a new child was born, my mother and father announced to each other with great seriousness that the new child would go to university in England and study to become a doctor or lawyer or someone who would occupy an important and influential position in society. I did not mind my father saying these things about his sons, his own kind, and leaving me out. My father did not know me at all; I did not expect him to imagine a life for me filled with excitement and

triumph. But my mother knew me well, as well as she knew herself: I, at the time, even thought of us as identical; and whenever I saw her eyes fill up with tears at the thought of how proud she would be at some deed her sons had accomplished, I felt a sword go through my heart, for there was no accompanying scenario in which she saw me, her only identical offspring, in a remotely similar situation. (Kincaid, 1990, p. 81)

No excerto acima, fica evidente que Lucy, como qualquer filha, desejava ser amada e valorizada por sua mãe. A falta de ambições de seus pais para com ela fragmentou-a psicológica e emocionalmente. Ver seus pais sonhando com futuros auspiciosos para seus irmãos, enquanto para ela não havia expectativas semelhantes, foi como sentir uma espada atravessando seu peito. A dor da traição foi avassaladora, deixando-a movida por sua raiva e indignação. Essa raiva é ainda mais intensificada pelo fato de que sua mãe, que a conhecia intimamente desde o nascimento e com quem Lucy se identificava profundamente, não compartilhava os mesmos desejos e expectativas para ela. Esta exclusão cria um contraste doloroso, pois Lucy esperava que sua mãe, mais do que qualquer outra pessoa, fosse capaz de reconhecer seu valor e potencial.

Além disso, o legado da colonialidade de gênero reverberado no patriarcado é um fator crucial nessa dinâmica familiar, pois a sociedade patriarcal valoriza frequentemente os homens acima das mulheres, reservando para eles os papéis de liderança e posições de influência. Para Maria Lugones no artigo “Rumo a um feminismo descolonial”, a colonialidade de gênero impôs um sistema de hierarquização e subordinação que não existia em muitas sociedades pré-coloniais (Lugones, 2010, p. 936). Lugones argumenta que "a colonialidade de gênero introduziu um binarismo de gênero e uma hierarquização que subordinava as mulheres e promovia a supremacia masculina" (Lugones, 2010, p. 936). Portanto, o fato de os pais de Lucy projetarem um futuro grandioso apenas para seus filhos representa a normatividade desta hierarquização da qual fala Lugones, pois essa desigualdade de gênero está profundamente enraizada nas estruturas sociais e culturais.

A expectativa de que os filhos se tornem médicos, advogados ou ocupem posições socialmente importantes é um reflexo do valor que o patriarcado atribui aos homens, enquanto as mulheres são frequentemente relegadas a papéis socialmente secundários associados à esfera doméstica e do cuidado. Essa dinâmica patriarcal não só reforça a exclusão de Lucy, mas também legitima a desvalorização que ela sente. A mãe de Lucy, ao internalizar e reproduzir as normas patriarcais impostas pela sociedade colonial em que cresceu em Antígua e Barbuda, acaba contribuindo para a marginalização de sua própria filha. Ao adotar essas expectativas rígidas e limitadoras, ela perpetua o ciclo de opressão,

relegando Lucy a um papel secundário e impedindo-a de explorar seu pleno potencial. A metáfora da espada representa a dor intensa e penetrante que Lucy sente ao perceber que não é considerada digna das mesmas oportunidades que seus irmãos. Ela não apenas sente a exclusão de um futuro promissor, mas também a dor emocional de ser negligenciada e tratada como um “outro” por uma pessoa tão significativa para a construção de sua identidade.

A justaposição entre a identificação profunda com a mãe e o processo de outremização em seu próprio lar, resulta, para Lucy, nessa sensação de abandono, traição, raiva e indignação. Elis Regina Fernandes Alves em sua dissertação de mestrado intitulada de “Outremização e Revide de Colonizado e Colonizador em *The Narrative of Jacobus Coetzee* (1974), de J.M Coetzee” (2006) , elabora sobre as hierarquias produzidas a partir dos processos de outremização dentro das dinâmicas coloniais, argumentando que:

A dialética Outro/outro é a base do discurso colonial, que se formou quando da chegada dos colonizadores às regiões ainda desconhecidas e posteriormente colonizadas. Antes da chegada dos representantes do poder imperial, os sujeitos coloniais não se constituíam outros, pois não havia a comparação, e a diferenciação entre raças, culturas etc. (...) Nas sociedades pós-coloniais, entretanto, os participantes dessa relação, colonizador e colonizado, estão presos a posições hierárquicas em que o sujeito oprimido prende-se a uma posição de inferioridade devido à putativa superioridade do grupo dominante. (Alves, 2006. p. 34)

A dinâmica de "outremização" abordada por Alves pode ser aplicada para entender a complexa relação entre Lucy e sua mãe, que vai além das expectativas não correspondidas e adentra a realidade da construção identitária dentro de um contexto patriarcal e pós-colonial. A dor de Lucy é intensificada pelo processo de outremização que ocorre dentro de seu próprio lar, um microcosmo das hierarquias sociais mais amplas. Alves argumenta que a dialética Outro/outro é a base do discurso colonial, estabelecendo hierarquias que antes não existiam. Antes da chegada dos colonizadores, as identidades não eram construídas em oposição umas às outras, mas com a colonização, essas comparações se tornaram centrais para a estrutura social. No caso de Lucy, essa lógica de outremização é reproduzida dentro da família. Sua mãe, ao internalizar a normatividade patriarcal, passa a ver Lucy através das lentes dessas hierarquias impostas, tratando-a como "o outro" dentro do próprio contexto familiar.

Na dialética Outro/outro, o grupo dominante (neste caso, a figura paterna e, por extensão, a mãe que internaliza essas normas) vê os subordinados como inferiores. Lucy,

como o sujeito oprimido, está presa a essa posição de inferioridade, não apenas na sociedade, mas no ambiente doméstico. Essa prisão a uma posição de inferioridade se torna uma forma de violência psicológica e emocional, perpetuada pela falta de reconhecimento e valorização. Essa dinâmica cria um ciclo de alienação e marginalização, onde o amor e a identificação com a mãe são distorcidos pela realidade da hierarquia social. Lucy se vê não apenas excluída de um futuro promissor, mas também desprovida de uma base emocional segura e acolhedora em seu lar.

Ao decorrer da obra, podemos ver que essa visão de Lucy como o “outro” a persegue até mesmo no momento de dizer adeus para seus familiares quando a sua mãe declara: “‘Oh, I can just see you in your nurse’s uniform. I shall be very proud of you.’ And I could only guess which nurse’s uniform she meant—the uniform made of cloth or the one made of circumstances” (Kincaid, 1990, p. 58). Para a mãe da protagonista, o único futuro permitido a ser desejado era o de subalternização, pois as enfermeiras, ao cuidarem de pessoas brancas em suas casas, ocupavam um papel socialmente aceitável para mulheres negras naquela sociedade. Além disso, eram hierarquicamente inferiores aos médicos, por exemplo, em posição na qual recebiam ordens e, mesmo desempenhando um trabalho crucial, eram mal remuneradas. Isso refletia a desvalorização de suas contribuições e a exploração de sua mão de obra. Nesse seguimento, Patricia Hill Collins em *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2000) , alega que:

Even though few Aunt Jemimas exist today, and those that do have been cosmetically altered, leading to the impression that mammy work has disappeared, Omolade reminds us that mammy work has assumed new forms. Within each segment of the labor market—the low-paid jobs at fast-food establishments, nursing homes, day-care centers, and dry cleaners that characterize the secondary sector, the secretaries and clerical workers of the primary lower tier sector, or the teachers, social workers, nurses, and administrators of the primary upper tier sector—U.S. Black women still do a remarkable share of the emotional nurturing and cleaning up after other people, often for lower pay. (Collins, 2000, p. 40)

A análise de Collins complementa essa perspectiva ao expor como as mulheres negras continuam a desempenhar papéis de cuidado e serviços em contextos que perpetuam a exploração e a subalternização. A autora aponta que, embora a representação de “mammy” tenha mudado ao longo do tempo, a essência desse trabalho de cuidado persiste em novas

formas. Assim, mesmo em setores diferentes, como enfermagem e educação, as mulheres negras frequentemente ocupam posições de suporte e subordinação, executando um trabalho essencial que é subestimado e mal remunerado.

Essa limitação de perspectivas reforçava as normas patriarcais e raciais que relegavam as mulheres negras a posições de servidão e inferioridade. Além disso, para a mãe de Lucy, o caminho da enfermagem também estava associado à sua expectativa de que a filha jamais encontraria e experimentaria o ideal do amor romântico. Tal perspectiva se baseava na experiência com a enfermeira que realizou seu parto e cuja vida parecia desprovida de afeto e companheirismo. Dessa forma, a perspectiva restritiva que a mãe da protagonista tinha sobre o futuro de Lucy reflete não apenas as estruturas patriarcais, mas também a colonialidade que permeia as experiências dos corpos negros dentro dessas estruturas, em particular os corpos de mulheres negras.

Em decorrência dessa realidade, Lucy negava-se a percorrer esse caminho, pois ela argumentava que não tinha sido feita para receber ordens, e questionava o por que que ninguém a vislumbrava como uma médica ou alguém que dá ordens, como ilustrado a seguir:

I had to wonder what made anyone think a nurse could be made of me. I was not good at taking orders from anyone, not good at waiting on other people. Why did someone not think that I would make a good doctor or a good magistrate or a good someone who runs things? (Kincaid, 1990, p. 58)

Essa reflexão é um grito de desafio contra as expectativas limitadoras que a sociedade tem para ela. A partir dessa perspectiva, fica claro que Lucy está ativamente buscando romper com as estruturas impostas que tentam definir seu papel e seu valor. Ao questionar a possibilidade de desempenhar funções de liderança e autoridade, ela expressa um desejo profundo de transcender as limitações colocadas sobre ela. Essa busca por um caminho alternativo é um ato de resistência contra a opressão e uma tentativa de reimaginar sua identidade e seu futuro fora dos parâmetros estreitos que lhe foram impostos. Assim, Lucy não apenas resiste às normas patriarcais e raciais, mas também procura afirmar sua autonomia e seu valor pessoal, desafiando as estruturas coloniais que tentam moldá-la e limitá-la.

A relação entre a mãe de Lucy e a filha é profundamente condicionada pelas suas experiências de vida como mulher negra em um contexto marcado por opressões coloniais e patriarcais. O impacto de gerações de violência e exclusão social molda não apenas a visão de mundo da mãe, mas também a maneira como ela oferece amor e proteção a Lucy. Essa

relação é indissociável dos traumas que ela mesma sofreu, traumas enraizados em um sistema que nega a ela tanto o direito ao amor romântico quanto à segurança emocional e à própria dignidade. Ao invés de demonstrar um cuidado idealizado, repleto de afeto incondicional, a mãe de Lucy oferece um tipo de atenção que reflete as cicatrizes de sua luta para sobreviver. Esse cuidado é mais rígido e, por vezes, distante, uma forma de amor endurecida pelas circunstâncias da vida. Sua interação com a filha é permeada por uma necessidade de prepará-la para um mundo que será implacável e indiferente a sua vulnerabilidade, um mundo que ela própria conhece bem. Por isso, o cuidado que a mãe oferece está mais próximo de uma forma de proteção resistente, endurecida pelo sofrimento e pelos desafios enfrentados. Longe de ser uma falta de amor, essa forma de proteção reflete o legado de uma estrutura colonial que transformou as relações afetivas em campos de luta e resistência. A mãe de Lucy, como muitas mulheres negras, desenvolveu uma forma de amar que, embora marcada pela dureza, é fruto da sua própria jornada de sobrevivência em uma sociedade que constantemente tentava desumanizá-la.

Posteriormente, em terras estadunidenses, à medida que a protagonista estabelece laços afetivos com a sua chefe, ocorre uma cena reveladora quando Mariah a convida para passar um tempo na casa de campo da família, às margens de um lago. Naquele contexto, Mariah envolve Lucy em um clima de mistério ao cobrir seus olhos com uma venda, prometendo uma surpresa no jardim. Quando finalmente remove a venda, Lucy se depara com um cenário exuberante, repleto de árvores majestosas e flores brancas que foram meticulosamente cuidadas e que eram desconhecidas para ela. No entanto, em meio à beleza do jardim, surge uma vontade estranha dentro dela: a vontade de destruir cada flor, uma por uma. Ela afirma que, se tivesse uma foice, faria isso naquele mesmo instante. Quando Mariah revela que aquelas flores se chamavam narcisos (*daffodils*), Lucy retruca: “Mariah, do you realize that at ten years of age I had to learn by heart a long poem about some flowers I would not see in real life until I was nineteen?” (Kincaid, 1990, p. 21).

Essa cena encapsula a profunda diferença de percepção entre Mariah e Lucy sobre o significado daqueles narcisos. Para Mariah, o gesto de levar Lucy ao jardim era uma expressão do afeto que sentia por ela, compartilhando algo de valor sentimental para sua família. No entanto, para Lucy, aquelas flores representavam a herança colonial que permeou sua vida desde a infância. O poema sobre os narcisos, que ela foi obrigada a decorar, sem nunca ter visto as flores, simboliza a imposição cultural e a desconexão de sua própria realidade vivida.

Mariah, ao convidar Lucy para a casa de campo, não compreende plenamente os efeitos duradouros da colonialidade, ao contrário de Lucy. Mariah via a beleza e a serenidade do jardim como algo positivo, uma tradição familiar a ser compartilhada, sem considerar o contexto histórico e emocional que aquelas flores poderiam evocar em Lucy. Para Lucy, os narcisos não são apenas flores bonitas, mas também lembranças de uma educação colonial que desvaloriza sua própria cultura e experiências, impondo narrativas e símbolos que não ressoam com sua realidade.

É crucial reconhecer que Mariah representa uma perspectiva da branquitude. Sua relação com a experiência da colonialidade é moldada por esse atravessamento racial, assim como a de Lucy. Mariah, como uma mulher branca, vivencia o legado colonial de maneira muito diferente de Lucy. Para ela, os símbolos e tradições coloniais, como os narcisos e o poema que eles evocam, não carregam o mesmo peso de opressão e alienação. Ao contrário, esses elementos são parte de uma herança que Mariah pode celebrar e apreciar sem a carga emocional e histórica que eles representam para Lucy. Essa dinâmica revela como a branquitude de Mariah a coloca em uma posição em que ela pode ignorar ou minimizar os impactos da colonialidade na vida de Lucy. Longe de ser bem-intencionada, Mariah parece constantemente lembrar Lucy de seu lugar como subalternizada, usando símbolos coloniais que despertam feridas profundas. Sua incapacidade de reconhecer o peso dessas memórias não é meramente uma questão de desconhecimento, mas uma manifestação de sua posição privilegiada, que a protege das duras realidades do colonialismo e a mantém em um estado de alheamento e negação sobre as questões estruturais que oprimem outros corpos. Assim, a interação entre as duas não é apenas um reflexo das diferenças de classe e educação, mas também das diferentes formas como a raça e a colonialidade moldam as experiências e percepções de cada uma.

Dessa forma, a cena ilustra a desconexão entre Mariah e Lucy, destacando como as dinâmicas coloniais e raciais continuam a influenciar as relações entre elas. Mariah, sem a experiência vivida da colonialidade que define a vida de Lucy, não consegue entender que o que para ela é uma simples flor, para Lucy é um símbolo de uma opressão mais profunda e complexa. Isso reflete como a branquitude pode obscurecer a compreensão das realidades vividas por aqueles que foram historicamente marginalizados e subjugados.

A dinâmica da valorização da cultura colonial em contraposição à desvalorização da cultura local é um tema frequentemente abordado por pensadores dos estudos decoloniais e contra-coloniais, como Nelson Maldonado-Torres. Em sua análise da colonialidade do saber

e do ser, as estruturas coloniais estabelecem uma hierarquia de conhecimento que coloca as perspectivas e saberes dos colonizadores acima das culturas locais, originárias e das populações colonizadas. Isso resulta na marginalização e desvalorização dos conhecimentos, tradições e modos de vida das comunidades indígenas e negras em favor da supremacia do conhecimento legitimado pelo poder colonial.

Nelson Maldonado-Torres, em “On the Coloniality of Being: Contributions to the Development of a Concept”, afirma que a colonialidade do saber refere-se à imposição de sistemas de conhecimento e epistemologias coloniais sobre as populações colonizadas, frequentemente desconsiderando suas próprias formas de compreensão do mundo e suas práticas culturais (Maldonado-Torres, 2007, p. 242). A colonialidade do ser, por sua vez, trata de como essas mesmas estruturas coloniais moldam as identidades das populações colonizadas, subjugando-as a uma posição de inferioridade. Isso resulta na internalização de valores eurocêntricos e na negação das próprias identidades, levando os colonizados a buscar a assimilação aos padrões culturais dominantes impostos pelos colonizadores .

Ao perceber que, onde quer que fosse, seu passado estaria sempre presente devido ao legado colonial, Lucy sente uma profunda raiva. Essa raiva não é apenas dirigida às flores ou à situação específica daquela cena, mas é uma manifestação visceral da frustração e do trauma acumulados por anos de imposição cultural e desvalorização de sua identidade. Cada símbolo colonial que ela encontra reaviva memórias dolorosas de subjugação e perda, perpetuando um ciclo incessante de opressão. A raiva de Lucy simboliza muito mais do que uma reação momentânea; ela representa a luta contínua contra a opressão que ainda ressoa na vida cotidiana das pessoas afetadas pela colonialidade. Esse sentimento de raiva é, em sua essência, um grito, um chamado urgente para reconhecer e desafiar as estruturas coloniais que persistem. Audre Lorde em sua obra *Irmã Outsider* (2007) afirma que:

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas. (Lorde, 2007, p. 144-145)

Lorde destaca a raiva como uma fonte poderosa e legítima de energia para transformação e progresso. Para Lorde, a raiva das mulheres, especialmente das mulheres negras, não é um sentimento a ser ignorado ou temido, mas um recurso valioso que pode ser

direcionado contra as múltiplas formas de opressão, tanto pessoais quanto institucionais. Lorde rejeita qualquer noção de mudança superficial ou temporária, propondo em vez disso uma transformação radical das bases sobre as quais as vidas de mulheres e outros grupos marginalizados são construídas. Dessa forma, a noção Lordiana da raiva desafia o projeto colonial que busca controlar os afetos de corpos negros, posicionando-os em lugares ou funções de servidão e domesticação.

Essa perspectiva de Lorde ressoa profundamente com a experiência de Lucy. A raiva de Lucy não é uma reação isolada a situações específicas, mas o resultado acumulado de anos de frustração, desvalorização e imposição cultural, refletindo o legado colonial que permeia sua vida. Os símbolos coloniais, como as flores que ela encontra na casa de Mariah, servem como gatilhos que reavivam memórias de subjugação e trauma. Cada interação com esses símbolos perpetua o ciclo de opressão e reforça o distanciamento entre Lucy e sua própria identidade. Assim como Lorde defende que a raiva pode ser uma força para a mudança, Lucy, ao longo da narrativa, começa a canalizar esse sentimento para redirecionar seus caminhos, suas escolhas. No início, sua raiva parece desconectada de um propósito claro, manifestando-se de maneira visceral e impulsiva. No entanto, à medida que a história avança e a protagonista amadurece, ela passa a transformar essa raiva em uma forma de resistência e autonomia.

Assim, a raiva de Lucy se manifesta em diversos momentos ao longo da trama. Um exemplo significativo ocorre quando ela presencia uma cena de racismo, revelando mais um símbolo da colonialidade. Nessa ocasião, a pessoa negra é retratada como um "membro da família", mas apenas no sentido de estar sempre disponível para servir, como uma propriedade obediente. Essa representação reforça a ideia de subserviência e desumanização, elementos centrais ao colonialismo, como é explorado a seguir:

When we got to our destination, a man Mariah had known all her life, a man who had always done things for her family, a man who came from Sweden, was waiting for us. His name was Gus, and the way Mariah spoke his name it was as if he belonged to her deeply, like a memory. And, of course, he was a part of her past, her childhood: he was there, apparently, when she took her first steps; she had caught her first fish in a boat with him; they had been in a storm on the lake and their survival was a miracle, and so on. Still, he was a real person, and I thought Mariah should have long separated the person Gus standing in front of her in the present from all the things he had meant to her in the past. I wanted to say to him, "Do you not hate the way she says your name, as if she owns you?" But then I thought about it and could see that a person coming from Sweden was a person altogether different from a person like me. (Kincaid, 1990, p. 24)

Como podemos ver no trecho acima, a identidade de Gus é formada para ser uma pessoa leal que cuida de Mariah desde que ela era pequena, quase como um pai ou um protetor que se dedica e a ama como sua filha. Ele sempre age dentro dos limites de um servo dedicado. A forma como Mariah se refere a ele, como se fosse sua propriedade, mostra como ele é desumanizado e tratado como uma posse. Isso é um exemplo claro da desumanização e apropriação que ocorre na dinâmica colonial em relação aos corpos outremizados.

Essa situação é ainda mais complicada para Lucy, porque sua raiva é intensificada ao ver essa relação. A raiva de Lucy não é apenas sobre o que está acontecendo no momento, mas também uma expressão do seu sofrimento histórico e da frustração constante que sente por causa da imposição cultural e da desvalorização da sua identidade. Para Gus, ser submisso é considerado uma qualidade, algo que ele carrega como parte de sua identidade socialmente aceita. Mas para Lucy, isso é um lembrete doloroso de como ela é constantemente colocada em uma posição de inferioridade dentro dessa estrutura de poder. Além disso, o amor que Gus sente por Mariah é complexo, pois é misturado com um senso de dever e uma relação de poder desigual, o que torna a situação ainda mais revoltante para Lucy, pois ela percebe como o amor pode ser distorcido por essas dinâmicas coloniais. Lorde discute essa raiva, argumentando que uma das reações mais genuínas ao racismo é a raiva:

Tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la antes que ela relegue ao lixo as minhas visões, durante boa parte da minha vida. Houve um tempo em que eu fazia isso em silêncio, com medo do fardo que teria de carregar. Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai ensinar nada a você. Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação. Minha raiva é uma reação às atitudes racistas, assim como aos atos e pressupostos que surgem delas. (Lorde 2007, p. 155)

A raiva que Lucy sente ainda estava nesse processo de aprimoramento; ela estava aprendendo a direcioná-la de maneira construtiva e eficaz. Como Audre Lorde descreve, “tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la” (Lorde 2007, p. 155). Lucy, em sua jornada, está também aprendendo a usar sua raiva antes que ela obscureça suas visões e objetivos. A raiva de Lucy representa a batalha contra as estruturas coloniais que ainda estão presentes em nosso dia a dia. Ela sente essa raiva da "exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação" (Lorde, 2007, p. 155). É como se ela quisesse dizer para Gus: "Você não se sente incomodado

quando ela pronuncia o seu nome, como se tivesse controle sobre você?" (Kincaid, 1990, p. 24). Essa raiva é uma forma de expressar a necessidade urgente de sermos reconhecidos e resistirmos contra a colonialidade, que continua a afetar nossas relações e identidades de maneira opressiva. É como se estivéssemos lutando contra correntes invisíveis que nos impedem de sermos verdadeiramente livres. Lucy, assim como Lorde, percebe que "o medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai ensinar nada a você" (Lorde, 2007, p. 155).

Ao canalizar a raiva, Lucy não apenas busca confrontar as injustiças do presente, mas também romper com os ciclos históricos de opressão que perpetuam a desigualdade e a desumanização. A raiva de Lucy, assim como a raiva que Audre Lorde descreve, é uma força poderosa que, quando direcionada corretamente, pode servir como um catalisador para a mudança e a liberdade. É um grito por justiça e igualdade, uma rejeição das narrativas e estruturas coloniais que insistem em definir e limitar a existência das pessoas marginalizadas. A raiva de Lucy representa a batalha contra as estruturas coloniais que ainda estão presentes em nosso dia a dia.

Ao explorarmos o legado do colonialismo em Antígua e Barbuda e suas profundas repercussões nas dinâmicas afetivas da população negra, percebemos como essas marcas moldam as relações e os sentimentos dos personagens no romance *Lucy*. Contudo, esse é apenas o começo da jornada de compreensão da complexidade afetiva da protagonista. No próximo capítulo, vamos mergulhar ainda mais fundo nas teias das relações familiares de Lucy, destacando as camadas de maternagem e os laços afetivos que, em meio a tantas tensões, revelam as nuances do amor, da dependência e do poder.

2. TEIAS MATERNAS: MATERNAGENS (IM)POSSÍVEIS E SEUS (DES)AFETOS

Ao longo do século XVII no ocidente, as mulheres brancas, dentro do núcleo familiar e especialmente as casadas, desempenhavam um papel econômico importante, complementando ou centralizando a renda familiar através de trabalhos manuais, como a produção de roupas e acessórios, além de serem o baluarte dos cuidados domésticos (Scott, 1995). No entanto, com a industrialização no século XVIII, a produção artesanal foi substituída pela fabricação em massa, o que diminuiu a relevância do trabalho feminino no lar. Antes das fábricas, havia um certo equilíbrio econômico entre os gêneros, e a maternidade não era exclusividade feminina, tampouco valorizada socialmente. Com a industrialização e a redução da relevância do trabalho feminino, o patriarcado impôs com rigor a ideia da mulher branca como dona de casa, centrada na maternidade como algo desejável. As mulheres que buscavam outras formas de viver precisavam romper com esses padrões sociais.

Regina Navarro Lins, em *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo* (1948), afirma que as mulheres que desejavam ser consideradas na sociedade precisavam trilhar caminhos na qual a maternidade/maternagem não era uma opção. Esses caminhos incluíam, para as mulheres brancas, nobres, ricas ou burguesas, uma vida social refinada e uma vida cultural sem precedentes (Lins, 1948, p. 120). Ainda que tal fenômeno funcionasse como um valor às suas funções domésticas (de filha, esposa ou mãe), essas mulheres podiam participar de eventos sociais, como bailes e festas, e tinham acesso a atividades culturais, como música, arte e literatura, de uma forma que mulheres de classes sociais menos privilegiadas e não-brancas não tinham.

Esse ideal de mulher de valor e independente foi moldando-se ao longo do tempo para se encaixar nas normas reconfiguradas do patriarcado branco e cis-heteronormativo. Lins argumenta que o papel de mãe que muitas mulheres desempenham como seres amorosos, dedicados e culpados começou a ser moldado no final do século XVIII, pois para o patriarcado e para a indústria, a produção de filhos em grande quantidade era essencial e lucrativa (Lins 1948, p. 123-124). Por isso, a taxa de mortalidade infantil deveria ser combatida e, a partir desse pensamento, o cuidado para com a criação dos filhos tornou-se algo de extrema importância. Foi somente devido a esse fator que a maternidade/maternagem começou a ser divulgada como algo positivo e algo crucial para a sociedade. Lins elabora sobre esse novo papel da mulher como cuidadora:

Inúmeras publicações inculcaram nas mulheres a importância da maternidade. Rousseau foi um dos mais influentes com a publicação de *Émile*, em 1762: “Do cuidado das mulheres depende a primeira educação dos homens; das mulheres dependem ainda os seus costumes. (...) Assim, educar os homens quando são jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los (...) eis os deveres das mulheres em todos os tempos. (Lins 1948, p. 124)

Como podemos ver, o papel da mulher como mãe foi fortemente influenciado pelo patriarcado através de discursos veiculados por homens renomados na sociedade. Esses discursos perpetuavam a ideia de que as mulheres deveriam se dedicar exclusivamente à maternidade/maternagem e aos cuidados domésticos, relegando-as a um papel secundário na esfera pública. Ao enfatizar a importância da maternidade e do cuidado como responsabilidades exclusivas das mulheres, tais discursos contribuem para reforçar as hierarquias de gênero e limitar as oportunidades das mulheres em outros aspectos da vida social, econômica e política. Essa narrativa tem moldado as expectativas e normas sociais em torno do papel das mulheres na família e na sociedade, perpetuando assim a ideia de que sua principal função era a de cuidadora e provedora de afeto na esfera doméstica/privada, enquanto os homens assumiam papéis de maior destaque e poder na esfera pública.

Por outro lado, a maternidade/maternagem construída pelo patriarcado para as mulheres negras foi marcada pela exploração e destituição desde o tráfico de escravizados desde o continente africano. As mães escravizadas frequentemente preferiam lançar seus filhos no alto-mar a vê-los sofrer nas mãos de capatazes, sendo forçados a trabalhar até a exaustão e enfrentando punições brutais que poderiam levar à morte. Com o suposto “fim” do tráfico de escravizados, as mulheres negras passaram a ser vistas como mercadorias valiosas, pois, através de sua capacidade reprodutiva, poderiam continuar alimentando um mercado de trabalho escravo lucrativo. Angela Davis, em sua obra *Mulheres, Raça e Classe* (1981), argumenta que:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. Quando a abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava começou a ameaçar a expansão da jovem e crescente indústria do algodão, a classe proprietária de escravos foi forçada a contar com a reprodução natural como o método mais seguro para repor e ampliar a população de escravas e escravos domésticos. (Davis 1981, p. 25)

É evidente que a construção da imagem de uma mãe amorosa e afetuosa nunca esteve disponível para as mulheres negras dentro do sistema escravocrata. Essas mulheres enfrentavam uma dupla opressão: como escravas e como mulheres, submetidas a uma violência específica de gênero que as reduzia, quando conveniente, à condição de "fêmeas" desprovidas de dignidade e autonomia. A exploração sexual e a coerção reprodutiva eram armas poderosas nas mãos dos senhores, usadas para controlar e subjugar os corpos de mulheres escravizadas, enquanto a instituição da escravização se beneficiava da reprodução natural como uma forma de sustentar seu sistema econômico predatório.

No entanto, a dinâmica de tratamento igualitário entre homens e mulheres na exploração do trabalho escravo criava um ambiente doméstico sem uma hierarquia rígida de poder, o que favorecia a colaboração e cooperação entre gêneros. Essa solidariedade era crucial para a resistência à opressão e para a busca pela libertação coletiva da população negra escravizada. Mulheres e homens escravizados, ao compartilhar de experiências comuns de opressão, desenvolveram formas de solidariedade que desafiavam a estrutura opressiva imposta pelos senhores. Dessa maneira, a luta pela liberdade e a resistência contra a escravidão eram empreendidas de maneira conjunta, fortalecendo o espírito de comunidade e solidariedade entre os escravizados. Tal legado de movimentos de solidariedade negra, a que se somava homens e mulheres, reverbera através dos tempos nas configurações de ação política da abolição até movimentos mais recentes da modernidade, tais como os movimentos pelos direitos civis em toda a diáspora nas Américas.

2.1. De *au pair* a cuidadora: uma outsider na família do sonho americano

Diante desta perspectiva histórica, podemos entender a posição da protagonista Lucy, no romance de Kincaid, enquanto mulher racializada, ao estabelecer um convívio diário com Mariah, Lewis e seus filhos, como uma atitude crítica sobre o conceito de lar familiar e maternidade. A protagonista descreve como é aquele ambiente familiar na qual foi inserida, revelando uma representação da família convencional: um marido, uma esposa e quatro filhas, todos brancos e loiros, semelhantes entre si. A imagem que eles projetam através de fotografias pela casa é de harmonia e felicidade extrema, com sorrisos que parecem genuínos e transmitem uma sensação de maravilha constante com o mundo ao seu redor, como podemos ver nesta cena:

The household in which I lived was made up of a husband, a wife, and the four girl children. The husband and wife looked alike and their four children looked just like them. In photographs of themselves, which they placed all over the house, their six yellow-haired heads of various sizes were bunched as if they were a bouquet of flowers tied together by an unseen string. In the pictures, they smiled out at the world, giving the impression that they found everything in it unbearably wonderful. And it was not a farce, their smiles. (Kincaid, 1990, p. 12)

No entanto, por trás dessa imagem de perfeição transmitida pela família, há uma superficialidade mascarada pelos sorrisos. Inicialmente, Lucy acreditava na genuinidade e sinceridade desses gestos, mas com o tempo e a convivência, sua perspectiva sobre eles muda completamente. A necessidade de expor, através das fotografias, uma família perfeita, feliz e sem problemas é uma das estratégias que o patriarcado utiliza para convencer a si mesmo e aos outros de que o sonho americano é real e benéfico para todos.

A imagem coesa do buquê de flores descrita por Lucy se assemelha a uma decoração de vitrine meticulosamente manipulada e fabricada para transmitir uma ilusão de harmonia e perfeição. Essa utopia é evidente na metáfora das "seis cabeças loiras de vários tamanhos" agrupadas como um buquê de flores amarradas por um fio invisível, evocando a ideia de união familiar e harmonia visual. A família é retratada como uma unidade coesa, onde a semelhança física entre os membros reforça a imagem de uma família idealizada, feliz e amorosa. As fotografias, colocadas estrategicamente pela casa, não apenas documentam momentos felizes, mas também funcionam como uma representação pública da identidade familiar, projetando uma imagem de perfeição e contentamento.

Além disso, a semelhança física entre os membros da família, que simboliza unidade, acaba por destacar a diferença de Lucy, reforçando sua posição de *outsider*. A aparente harmonia visual esconde uma estrutura hierárquica rígida, em que Lucy é constantemente lembrada de sua posição inferior e de sua diferença de classe, de raça e de nacionalidade. A felicidade exibida nas fotografias é superficial, não refletindo as dinâmicas de poder e exclusão que permeiam o ambiente doméstico daquela família. Mas a cena funciona efetivamente como dispositivo para ressaltar o não-pertencimento de Lucy e o modelo inatingível (e irreal) do ideal da família burguesa branca estadunidense que cabe, apenas, dentro do sonho americano.

Essa posição de inferioridade, já que Lucy é encarregada de cuidar da casa e dos filhos de Mariah, especialmente Miriam, acaba transformando-a em uma figura materna.

Enquanto alimenta Miriam, a caçula dos quatro filhos de Lewis e Mariah, Lucy cria histórias fantasiosas para incentivá-la a comer, remanescente das técnicas que sua própria mãe usava. Embora Miriam não acredite nessas histórias, o ato de se alimentar torna-se um processo contínuo e íntimo, criando um vínculo profundo entre as duas. Esses momentos, compartilhados em quase segredo, reforçam um laço de amor e afeto que transcende as barreiras impostas pela hierarquia familiar, como podemos ver a seguir:

At the time I was thinking of Tanner's tongue, I was sitting at the dining table with Miriam, the youngest of Lewis and Mariah's four children, feeding her a bowl of stewed plums and yogurt specially prepared for her by her mother. She did not like this, and so to make her eat I told her that she was not really eating stewed fruit and yogurt but a special food that grew in wildflowers and was very much sought after by fairies. I told her that if she ate enough of it, eventually she would be able to see things that other people could not see. This was just the sort of thing my mother used to say to me when I would not eat my food, and just as I did not believe my mother, Miriam did not believe me; she ate, but it was a long, drawn-out process, just as it was a long, drawn-out process when my mother used to feed me. It was in those times when my mother used to feed me that I first began to notice her, really notice her, as if she were a specimen laid out in front of me. I was not Miriam's mother, and, in fact, whenever I fed her and told her these stories, a sort of bribe to get her to do things my way, I always did it in a low voice, so that Mariah would not overhear. (Kincaid 1990, p. 29-30)

Esse ato de contar histórias para convencer Miriam a comer não é apenas uma estratégia prática; é também um gesto de carinho e cuidado, uma forma de maternagem que a protagonista adquire de sua mãe. Ao pôr em prática esta estratégia de cuidado, Lucy também reaviva a memória afetiva de seu passado com sua própria mãe. Embora Miriam não acredite nas histórias inventadas por Lucy, o processo de alimentação se torna um ritual de conexão entre as duas. Lucy investe tempo e atenção para garantir o bem-estar de Miriam, espelhando os cuidados que ela mesma recebia quando era criança. Esse vínculo materno é reforçado pela intimidade do ato de alimentar, que exige paciência e dedicação, características fundamentais da maternagem. Mesmo Lucy não sendo a mãe biológica de Miriam, ela assume esse papel materno ao cuidar de forma tão carinhosa e atenta de Miriam.

Pelo lado da criança, o ato de ser alimentada é mais do que uma necessidade física; é uma oportunidade para perceber e observar Lucy de maneira mais profunda. Assim como Lucy começou a notar sua mãe ao ser alimentada, Miriam, mesmo sem plena compreensão do que está ocorrendo, começa a observar Lucy de um modo mais íntimo e detalhado. Esse processo de notar a figura materna acontece em um espaço de vulnerabilidade e dependência, em que o ato de alimentar torna-se um ritual que conecta a criança àquele que cuida dela.

A frase "It was in those times when my mother used to feed me that I first began to notice her, really notice her, as if she were a specimen laid out in front of me (Kincaid, 1990, p. 30)" destaca o quanto o vínculo materno se intensifica nesses momentos de proximidade física. No caso de Lucy, ela projeta o cuidado que recebeu de sua mãe sobre Miriam, e, em resposta, Miriam começa a estabelecer uma consciência sobre a presença e a importância de Lucy em sua vida. Esse tipo de relação, moldada pela troca íntima de alimentar e ser alimentado, permite que Miriam vá além da mera dependência física e comece a entender emocionalmente a pessoa que está cuidando dela.

O ato de alimentar transcende sua função imediata de sustento e passa a ser um momento de introspecção, reconhecimento e conexão emocional. Para Miriam, a figura de Lucy começa a se revelar de maneira mais complexa, e, mesmo que de forma inconsciente, ela desenvolve um senso de segurança e confiança baseado nesse cuidado constante. A intimidade criada através da alimentação não é simplesmente um reflexo de uma necessidade biológica, mas um processo afetivo profundo, em que a criança aprende a observar e, eventualmente, a reconhecer o valor emocional de quem cuida dela.

Esse processo de reconhecimento não é unilateral. Enquanto Miriam começa a perceber Lucy como uma figura central em sua vida, Lucy também reflete sobre o cuidado que recebeu de sua própria mãe. A maternagem, portanto, não é uma simples repetição de gestos, mas um espelhamento de experiências passadas, um ciclo que se refaz a cada nova geração. Ao alimentar Miriam, Lucy revive as memórias de sua infância, percebendo-se, ao mesmo tempo, como filha e cuidadora. Esse duplo papel permite que ela se reconecte com suas raízes, enquanto também constrói um novo vínculo materno com Miriam.

A maternagem, então, é um processo de mão dupla: não apenas o cuidador investe tempo e afeto na criança, mas a criança, por meio de suas experiências de vulnerabilidade e dependência, desenvolve um sentido de reconhecimento, admiração e afeto pelo cuidador. À medida que a criança cresce, esses laços se fortalecem, criando uma base emocional sólida que molda seu entendimento do mundo e das relações ao seu redor. Assim, o ato de alimentar é simultaneamente uma prática de cuidado e um processo de construção de identidade e afeto, tanto para quem alimenta quanto para quem é alimentado.

Outro ponto a se destacar, é que a protagonista acaba assumindo o papel de *mammy* (mãe negra)², um idealizado estereótipo racial da branquitude, nele Lucy é posicionada no

² O estereótipo da "mammy" nos Estados Unidos refere-se à representação de mulheres negras, geralmente em papéis de cuidadoras e amas, que dedicam suas vidas a cuidar de crianças brancas, enquanto muitas vezes suas

papel de cuidadora e fonte de consolo para Miriam, refletindo a imagem da mulher negra que, historicamente, foi obrigada a cuidar dos filhos dos senhores brancos, muitas vezes em detrimento de seus próprios filhos e necessidades emocionais. Collins explica que essa figura da *mammy* é usada para avaliar o comportamento das mulheres negras, sendo um reflexo das expectativas da branquitude sobre como essas mulheres devem se comportar:

(...) The mammy image represents the normative yardstick used to evaluate all Black women's behavior. By loving, nurturing, and caring for her White children and "family" better than her own, the mammy symbolizes the dominant group's perceptions of the ideal Black female relationship to elite White male power. (Collins, 2000, p. 72)

No excerto acima, Collins destaca que a figura da *mammy*, que cuida, ama e é devota aos filhos dos seus senhores mais que a sua própria família, serve para manter as mulheres negras em posições de serviço, subordinação e marginalização, legitimando a exploração e o controle sobre seus corpos e suas vidas além de perpetuar as estruturas de opressão racial e de gênero.

É notória essa perpetuação da figura da mãe negra ao analisarmos a dinâmica entre Mariah e Lucy. Mariah, enquanto mulher branca e chefe, acaba por replicar o imaginário da *mammy* ao delegar a Lucy, uma mulher negra, tarefas de cuidado e serviço que ultrapassam as fronteiras do profissional, pois é esperado que a protagonista não apenas desempenhe suas funções com eficiência, mas que também demonstre devoção, ternura e disponibilidade para o cuidado, resultando no sacrifício de seus planos e sonhos, tornando assim, a imagem idealizada da *mammy*, como uma figura maternal e sacrificial em algo real. Lucy, por sua vez, replica esse sistema de subserviência e amor sem perceber, em um primeiro momento, suas raízes coloniais. Devido a essa alienação e a própria dinâmica relacional estabelecida na estrutura familiar em que se insere, Lucy acredita que sua conexão com Miriam se deve ao fato de Miriam lhe recordar sua própria infância, enquanto Lucy, como adulta, se vê refletida em sua mãe, como nos mostra a narradora :

I loved Miriam from the moment I met her. She was the first person I had loved in a very long while, and I did not know why. I loved the way she smelled, and I used to sit her on my lap with my head bent over her and breathe her in. She must

próprias famílias são negligenciadas. Este estereótipo, profundamente enraizado na história da escravidão, associa a mulher negra a uma figura materna subserviente e desinteressada, despojando-a de sua individualidade e complexidade. A análise de Patricia Hill Collins destaca como essa imagem contribui para a marginalização e desumanização das mulheres negras, perpetuando a ideia de que seu valor reside apenas em sua capacidade de servir aos outros.

have reminded me of myself when I was that age, for I treated her the way I remembered my mother treating me then. When I heard her cry out at night, I didn't mind at all getting up to comfort her, and if she didn't want to be alone I would bring her into bed with me; this always seemed to make her feel better, and she would clasp her little arms around my neck as she went back to sleep. Whenever I was away from them, she was the person I missed and thought of all the time. I couldn't explain it. I loved this little girl. (Kincaid, 1990, p. 35)

O laço com Miriam também serve de dispositivo afetivo que ancora Lucy em sua solidão de mulher negra estrangeira. Vivendo em um outro país e em outra cultura, a protagonista se sente constantemente deslocada e lembrada de sua condição de não-pertencimento. A cada interação, ela é relembrada de sua estranheza, o que intensifica seu sentimento de solidão e alienação. No entanto, em meio a esse cenário de desconexão, Lucy encontra um caos de familiaridade e conforto em Miriam. Miriam não é apenas uma presença tranquilizadora; ela evoca em Lucy memórias de uma infância mais simples e feliz, trazendo à tona lembranças de sua mãe e dos momentos em que Lucy se sentia amada e segura, antes do nascimento de seus irmãos e da subsequente mudança na dinâmica familiar. Miriam, com sua inocência e afeto genuíno, representa um elo com esse passado nostálgico, fazendo Lucy se sentir menos só.

Além disso, Miriam é a única pessoa que não vê Lucy como diferente ou estranha. Em vez de reforçar a barreira da estranheza, Miriam responde com um amor recíproco ao afeto que Lucy lhe dedica. Essa aceitação e reciprocidade são vitais para Lucy, pois contrastam profundamente com a constante lembrança de sua condição de estrangeira racializada. A relação entre elas floresce, pois Miriam, em sua pureza e sinceridade infantis, oferece a Lucy um senso de pertencimento e amor que ela tanto anseia. Mesmo inserida na dinâmica de poder representada pela figura da *mammy*, Lucy, aos poucos, começa a desfazer essa estrutura de opressão.

2.2. Entre o sonho e a realidade: a idealização de Mariah como figura materna

Outra forma de maternagem presente na obra de Kincaid é a figura materna idealizada, personificada por Mariah, que acaba se transformando, até certo ponto, na mãe com quem Lucy tanto havia sonhado. A relação entre as duas revela como o cuidado, o carinho, a afeição e o respeito inerentes à maternagem transcendem barreiras geográficas e emocionais, pois os momentos em que Lucy sente esses sentimentos positivos por Mariah,

bem como os negativos, estão intrinsecamente conectados com suas experiências de infância com sua própria mãe, como podemos ver na seguinte passagem:

The times that I loved Mariah it was because she reminded me of my mother. The times that I did not love Mariah it was because she reminded me of my mother. (...) I was supposed to be upstairs giving the children their baths, but seeing Mariah look so beautiful, I couldn't tear myself away. How many times had I seen my mother surrounded by plants of one kind or another, arranging them into some pattern, training them to grow a certain way; and they were the only times I can remember my mother serene, motionless, for she had the ability to appear to be moving even though she was standing still. Mariah reminded me more and more of the parts of my mother that I loved. Her hands were just like my mother's-large, with long fingers and square fingernails; their hands looked like instruments for arranging things beautifully. (...) Mariah placed the flowers before me and told me to smell them. I did, and I told her that this smell made you want to lie down naked and cover your body with these petals so you could smell this way forever. When I said this, Mariah opened her eyes wide and drew in her breath in a mock-schoolmistress way, and then she laughed so hard she had to put the vase of flowers down, for she was afraid she would break it. This was the sort of time I wished I could have had with my mother, but, for a reason not clear to me, it was not allowed. (Kincaid, 1990 , p. 38-39)

A relação entre Lucy e Mariah é complexa e multifacetada, refletindo a dualidade dos sentimentos que Lucy tem em relação à sua própria mãe. Esta dualidade é evidenciada na citação mencionada, em que Lucy alterna entre o amor e a aversão por Mariah devido às semelhanças com sua mãe. Esses sentimentos ambivalentes ilustram como as experiências de infância de Lucy moldaram suas percepções e expectativas sobre a maternagem e o amor. Mariah, com suas mãos habilidosas e cuidadosas, seus gestos de carinho e seu jeito sereno, representa para Lucy uma figura materna idealizada que ela não teve. Os momentos de ternura e conexão que Lucy compartilha com Mariah são carregados de um anseio profundo por uma maternidade que não foi plenamente experimentada em sua infância. Lucy expressa o desejo não apenas por gestos de carinho, mas também por uma conexão emocional que ela sente ter sido negada ou limitada em sua relação com sua mãe. Esse anseio revela as expectativas não atendidas de Lucy em relação à maternidade e como essas expectativas moldam seu relacionamento com Mariah.

Outro fator importante é que Lucy anseia por ser integrada ao ideal de família burguesa branca que Mariah encarna. Esse ideal de perfeição, representado por uma família feliz, harmoniosa e unida, é também uma encenação que oculta as dinâmicas de exclusão e poder. Lucy, por sua vez, começa a nutrir o desejo de ter uma mãe branca e de fazer parte dessa família, ainda que para isso precise renunciar à sua própria identidade. Para Lucy, ser aceita nessa estrutura familiar idealizada significaria abandonar não apenas seu corpo e cor,

mas também seus traços fenotípicos que a diferenciam, pois ela não é branca e não poderia viver esse ideal da branquitude sendo negra. Seu desejo de conformidade é tão profundo que ela começa a idealizar Mariah como uma figura materna superior à sua própria mãe, pois, para ela, Mariah representa a compreensão e o cuidado que sua mãe nunca foi capaz de oferecer, como vemos na seguinte citação:

I told Mariah about Peggy's missing her train, and Mariah said, "I guess you like Peggy a lot, and, you know, you really should have a friend." This was a way in which Mariah was superior to my mother, for my mother would never come to see that perhaps my needs were more important than her wishes. (Kincaid, 1990, p. 41)

Aqui, Lucy expressa uma comparação entre Mariah e sua própria mãe, sugerindo que Mariah possui uma sensibilidade e compreensão das suas necessidades que sua mãe nunca teve. Essa comparação não é apenas uma crítica direta à figura materna de Lucy, mas também revela uma dinâmica mais profunda de colonialidade e subordinação. Ao idealizar Mariah como uma figura materna mais "compreensiva" e "superior", Lucy está, na verdade, internalizando as hierarquias coloniais. Mariah, enquanto mulher branca, representa o poder, a aceitação e o ideal de perfeição que Lucy almeja. A frase, "my mother would never come to see that perhaps my needs were more important than her wishes" (Kincaid, 1990, p. 41) sugere que Lucy vê sua própria mãe como limitada por uma visão mais autoritária e menos afetuosa, o que pode ser interpretado como uma projeção da visão colonial que minimiza e desvaloriza os modos de vida e criação maternos das mulheres negras.

Esse processo de internalização da branquitude está profundamente ligado ao conceito de colonialidade, no qual a estrutura de poder colonial perpetua a superioridade branca e a inferioridade dos corpos racializados. Lucy, em sua busca por aceitação em um mundo branco, começa a enxergar Mariah não apenas como uma patroa ou chefe, mas como um ícone de tudo o que ela aspira possuir naquele momento da trama. Mariah, por encarnar esse ideal de branquitude e poder, torna-se, aos olhos de Lucy, uma figura maternal idealizada, alguém que oferece os cuidados, a proteção e as oportunidades que ela nunca recebeu. Por um momento, Lucy a vê como uma mãe perfeita, uma personificação do que a sociedade branca colonial considera como bom e certo:

Mariah was like a mother to me, a good mother. If she went to a store to buy herself new things, she thought of me and would bring me something also. Sometimes she paid me more money than it had been agreed I would earn. When I told her how much I enjoyed going to the museum, she gave me my own card of membership.

Always she expressed concern for my well-being. I realized again and again how lucky I was to have met her and to work for her and not, for instance, some of her friends. But there was no use pretending: I was not the sort of person who counted blessings; I was the sort of person for whom there could never be enough blessings. Besides, there was something else. (Kincaid, 1990, p. 69)

Nesta passagem, Lucy reflete sobre a generosidade e a atenção de Mariah, percebendo-a quase como uma figura materna. Mariah não apenas oferece presentes e dinheiro extra, mas também demonstra uma preocupação genuína com o bem-estar de Lucy, algo que reforça essa imagem de "boa mãe". Para Lucy, essas ações parecem confirmar a superioridade de Mariah em comparação à sua própria mãe, uma mulher que, de acordo com Lucy, nunca poderia ter reconhecido suas necessidades e desejos da mesma maneira. Entretanto, essa idealização de Mariah está enraizada nas dinâmicas de poder colonial que Lucy, muitas vezes inconscientemente, internaliza. Mariah representa o que o sistema colonial valoriza: branquitude, poder econômico e acesso a espaços privilegiados, como o museu, onde Lucy se depara com os vestígios da colonização de diversos lugares, por meio de objetos e pinturas. Além disso, Mariah reafirma constantemente seu lugar de superioridade e, ao fazê-lo, reforça o lugar de subalternização de Lucy, perpetuando as dinâmicas coloniais de opressão e desigualdade. Lucy, ao ver Mariah como uma figura maternal superior, está, de certo modo, cedendo à lógica colonial que associa valor e moralidade à branquitude. No entanto, mesmo enquanto reconhece a sorte de ter Mariah como patroa, Lucy admite uma insatisfação persistente, uma sensação de que, independentemente do quanto ela receba, nunca será o suficiente para preencher o vazio criado pelo seu senso de não pertencimento e a negação de sua identidade verdadeira.

Esse "algo mais" mencionado no final da citação sugere uma lacuna, um desconforto que surge do fato de que, por mais que Lucy se esforce para se conformar ao ideal branco, ela nunca poderá pertencer completamente a esse mundo. A relação entre Lucy e Mariah, então, simboliza a relação mais ampla entre colonizador e colonizado, na qual o poder e a generosidade são oferecidos, mas sempre com um custo, o apagamento da identidade e o contínuo estado de insatisfação e alienação. Assim, o ideal da "mãe perfeita" que Mariah representa não passa de uma ilusão criada pelas estruturas de poder colonial, que nunca permitirão a Lucy ser realmente "aceita" sem que ela abdique de si mesma. O que nos leva a pensar na relação ambivalente entre Lucy e sua mãe Annie Potter.

2.3. Entre amor e ressentimento: a relação ambivalente entre Lucy e sua mãe Annie Potter

Por fim, outra forma de maternagem que atravessa a vida da protagonista é com sua mãe. Em um determinado momento da trama, enquanto Lucy está caminhando pela floresta em direção a casa no lago, com Miriam nas costas, ela lembra de uma história que sua mãe contava quando ela era criança. Enquanto a protagonista cuidava da cicatriz no rosto da mãe com muita dedicação e amor, a mãe relata que todos os dias quando ela levava Lucy para a escola pela floresta, elas eram frequentemente encaradas por um macaco. Em confronto com o macaco, a mãe de Lucy sempre jogava pedras, porém o animal sempre desviava. Em um determinado dia, quando a mãe da protagonista jogou novamente outra pedra contra o macaco, ele pegou e revidou atingindo-a no rosto. Jorrou sangue do ferimento que posteriormente virou uma cicatriz. A alegoria do macaco foi a forma menos cruel de contar para Lucy a origem da cicatriz. Na verdade, a história que a mãe de Lucy conta oculta o fato do seu pai ter se relacionado com várias mulheres tendo mais de trinta filhos. Uma dessas mulheres não havia gostado da ideia da mãe de Lucy estar grávida do homem com quem estava se relacionando e recorre a violência física:

One woman he had children with tried to kill me when I was in my mother's stomach. She had earlier failed to kill my mother. My father had lived with another woman for years and was the father of her three children; she tried to kill my mother and me many times. (Kincaid, 1990, p. 51)

Ainda que a forma como a mãe de Lucy expressa seu amor não correspondesse completamente às expectativas da filha, esse amor se manifesta de maneiras tangíveis e significativas em sua vida. A mãe de Lucy garantiu o sustento diário da família e criou um ambiente seguro para que sua filha pudesse crescer. bell hooks (2010) afirma que o amor é um privilégio que frequentemente as mulheres negras não usufruem, especialmente as que precisam de sustento econômico. Essas mulheres muitas vezes passavam a impressão de que o amor era uma distração que as impedia de enfrentar questões mais urgentes e significativas. No caso da mãe de Lucy, essa dinâmica se evidencia, pois a segurança e o cuidado que ela proporcionava eram expressões de amor, mesmo que não se enquadrassem nas expectativas emocionais da filha. É importante ressaltar que, mesmo abandonada pelo pai de Lucy e enfrentando situações de risco, a mãe optou por proteger e manter a gravidez, demonstrando seu compromisso em oferecer à filha o que ela mesma recebeu de seus próprios pais.

Apesar de todo sofrimento, dor e ódio pela sua mãe, Lucy a amava e após receber a carta onde continha a notícia de que seu pai havia falecido e deixado sua mãe na total pobreza, como o último ato de amor para com sua mãe e família, a protagonista pega todas as suas economias que seriam destinadas para a realização do sonho de morar em um apartamento com Peggy, sua melhor amiga e envia para sua mãe como podemos ver a seguir:

I had been putting away some money for the apartment Peggy and I were planning to share; I took it all and sent it to my mother. Mariah, on hearing this, gave me double what I already had sent, and I sent this along, too. I wrote my mother a letter; it was a cold letter. It matched my heart. It amazed even me, but I sent it all the same. In the letter I asked my mother how she could have married a man who would die and leave her in debt even for his own burial. I pointed out the ways she had betrayed herself. I said I believed she had betrayed me also, and that I knew it to be true even if I couldn't find a concrete example right then. I said that she had acted like a saint, but that since I was living in this real world I had really wanted just a mother. (...) To all this the saint replied that she would always love me, she would always be my mother, my home would never be anywhere but with her. I burned this letter, along with all the others I had tied up in a neat little bundle that had been resting on my dresser, in Lewis and Mariah's fireplace. (Kincaid, 1990, p. 79-80)

No trecho acima, podemos ver a complexidade do relacionamento de Lucy com sua mãe, em que amor e ressentimento coexistem em uma dinâmica profundamente ambivalente. Embora Lucy tenha construído ao longo da narrativa uma barreira emocional em relação à mãe, marcada por uma rejeição consciente de sua figura, o ato de enviar todas as suas economias em um momento de necessidade demonstra que, apesar de suas tentativas de distanciamento, o laço familiar continua a influenciar suas ações.

O contexto desse gesto é revelador. Lucy, que sonhava em alcançar sua independência ao lado de Peggy, abre mão de seu futuro imediato em prol de um ato de responsabilidade filial, mesmo sem sentir qualquer afeto no momento. O sacrifício de suas economias, somado ao dinheiro que Mariah lhe oferece, ressalta a complexidade das relações afetivas dentro de uma estrutura familiar e cultural que exige esse tipo de apoio, especialmente entre mulheres de comunidades pós coloniais, nas quais as pressões familiares frequentemente recaem sobre os filhos, que são vistos como uma extensão de seus pais e como um meio de suporte intergeracional.

A carta que Lucy envia à mãe, descrita como "fria" e carregada de críticas, oferece uma visão mais profunda das camadas de ressentimento e decepção que ela carrega em relação à figura materna. Lucy questiona não apenas as escolhas pessoais de sua mãe — como o casamento com um homem que a deixou endividada até mesmo em relação ao próprio funeral — mas também a ideia de submissão a estruturas patriarcais e coloniais, algo

que a protagonista rejeita ao longo de sua jornada. A pergunta "como ela poderia ter se casado com um homem que a deixaria assim?" revela uma indignação com o sistema de valores em que sua mãe está inserida, que Lucy vê como uma traição tanto de si mesma quanto da filha.

Essa traição, embora não concretizada com exemplos específicos, representa a sensação de que sua mãe, ao se conformar às normas e expectativas impostas a ela, falhou em oferecer a Lucy um modelo de resistência e independência. Ao invés de uma "santa" — uma imagem associada à passividade e à resignação, especialmente em contextos religiosos e coloniais — Lucy ansiava por uma mãe que fosse mais acessível emocionalmente e que estivesse verdadeiramente presente para ela, de forma real e imperfeita. A idealização da mãe como um símbolo de sacrifício, que carrega o peso da família, se choca com o desejo de Lucy por uma relação genuína, em que houvesse espaço para imperfeições e para uma troca emocional honesta. O encerramento desse episódio é marcado pelo ato simbólico de Lucy queimar a carta junto com outras correspondências antigas. Esse gesto de destruição materializa sua tentativa de romper com o passado, de cortar as amarras que a ligam a uma figura materna que, aos seus olhos, representa uma série de valores e expectativas que ela quer rejeitar. No entanto, essa tentativa de ruptura é, ao mesmo tempo, carregada de ambivalência. Ao queimar as cartas, Lucy não está apenas rejeitando sua mãe, mas também tentando apagar as memórias e a dor associada a essa relação, o que indica que sua desconexão não é total.

Ao enviar todo o dinheiro que economizou para sua mãe e escrever uma carta fria e honesta, Lucy expressou muito mais do que apenas uma despedida material. Sua carta foi como um abraço simbólico, cheio de sentimentos não expressos e de um "eu te amo" não dito. A frieza das palavras esconde uma dor que ela não pode articular, e o ato de enviar o dinheiro, juntamente com o desapego dos laços materiais ao queimar as cartas, representa a manifestação de uma tentativa de reconciliação interna, como podemos ver:

I then made a last reply to her, though she did not know she might never hear from me again. I told her that I would come home soon, and how sorry I was for everything that had happened to her. I did not say that I loved her. I could not say that. I then told her that the family I was living with (Lewis and Mariah) were moving to another part of town; the address I gave her was one I made up off the top of my head. The moment I did that was the moment I knew I would soon make living with Lewis and Mariah the past. (Kincaid, 1990 , p. 87)

A decisão de Lucy de enviar o dinheiro e escrever a carta é uma tentativa de encontrar um encerramento para a relação tumultuada com sua mãe. Ao inventar um endereço, Lucy sela seu afastamento não apenas físico, mas também emocional, sinalizando sua intenção de seguir em frente e construir uma nova vida, marcando uma ruptura definitiva com o passado. Esse ato de enviar a carta e o dinheiro simboliza a mistura de dever, culpa e necessidade de libertação que Lucy sente. Ela reconhece a dificuldade de expressar seus verdadeiros sentimentos de amor e arrependimento, optando por uma despedida prática e concreta.

A ausência de um "eu te amo" na carta é profundamente significativa. Lucy não consegue expressar verbalmente seus sentimentos de amor e arrependimento, o que evidencia a barreira emocional construída ao longo de anos de mágoas e desapontamentos. Essa incapacidade de dizer "eu te amo" revela uma complexidade emocional intensa e a profundidade da dor que ela carrega. A carta, portanto, representa não apenas um encerramento, mas também um novo começo para Lucy, um passo em direção à independência e à construção de sua própria identidade.

Por fim, ao reconhecer que viver com Lewis e Mariah se tornaria parte de seu passado, Lucy demonstra uma clara intenção de seguir em frente, de deixar para trás tanto as dores quanto os vínculos que a prenderam. Essa resolução marca um momento crucial em sua jornada de autodescoberta, onde ela se permite cortar laços antigos para abrir espaço para novas possibilidades e experiências. Esse rompimento com o passado, simbolizado pelo envio da carta e do dinheiro, é um passo fundamental na busca de Lucy por autonomia e por uma vida construída em seus próprios termos, livre das amarras emocionais que a ligavam à sua mãe e às experiências passadas.

3. AS COMPLEXIDADES DO AMOR ROMÂNTICO: VULNERABILIDADE, DESILUSÃO E AUTONOMIA

A imagem do amor como um sentimento avassalador e instintivo tem sido perpetuada ao longo das gerações e moldada de maneira a isentar o homem da responsabilidade pelos fracassos nos relacionamentos ou pelas infidelidades. A cultura ocidental reforça essa narrativa através da criação de um imaginário romântico e idealizado, muitas vezes popularizado por filmes e literatura de Hollywood. Frases como “estou caído de amor por ela” ou “ele é o meu príncipe encantado” contribuem para a construção de um ideal de amor que é ao mesmo tempo irresistível e fora do controle racional. Essa visão idealizada destitui o amor da responsabilidade individual, especialmente dos homens, pois uma vez entendido como uma força irresistível da natureza ou algo que simplesmente acontece, não há necessidade de reflexão ou atos conscientes.

bell hooks, em *Tudo sobre amor* (2021), aponta que, para tirarmos essa ideia de que o amor é irracional e simplesmente acontece, é necessário tratarmos o amor como uma ação e intenção e não como um sentimento:

a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”. Para desenvolver a explicação, ele continua: “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Uma vez que a escolha deve ser feita para alimentar o crescimento, essa definição se opõe à hipótese mais amplamente aceita de que amamos instintivamente. (...) Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. Aprender definições falhas de amor quando somos bem jovens torna difícil sermos amorosos quando amadurecemos. (hooks, 2021, p. 41- 42)

Ao abordar o amor como algo que podemos aprender e praticar, hooks questiona a ideia comumente aceita de que o amor é algo que simplesmente acontece de forma automática e natural. Ela argumenta que, para amar verdadeiramente, é necessário cultivar uma mistura de ingredientes essenciais, como carinho, afeto, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta. Essa perspectiva desafia a visão romântica de que o amor simplesmente acontece sem esforço ou intenção. É como se o amor fosse uma receita que precisamos seguir e aprimorar ao longo do tempo. Assim como na culinária, em que precisamos combinar os ingredientes certos e seguir os passos corretos

para obter um prato delicioso, no amor também precisamos investir tempo e energia para nutrir e fortalecer nossos relacionamentos.

hooks sugere que a concepção do amor como algo instintivo e automático é uma falha que pode dificultar nossa capacidade de estabelecer e manter relacionamentos amorosos saudáveis e duradouros (hooks, 2021, p. 42). Ao reconhecer que o amor é algo que podemos aprender e praticar, somos encorajados a buscar o crescimento pessoal e a trabalhar ativamente para construir relacionamentos baseados em valores como o respeito mútuo, a confiança e a comunicação aberta. Dessa forma, podemos desenvolver relacionamentos mais significativos e gratificantes em nossas vidas. Ao abordar o amor como algo que requer intencionalidade e consciência, hooks destaca a importância de aprender e crescer constantemente. Desde cedo, somos ensinados conceitos irreais sobre o amor, que não incluem os ingredientes essenciais para nutrir relacionamentos verdadeiramente amorosos. Essas noções equivocadas podem levar a comportamentos e expectativas que dificultam a construção de conexões profundas e significativas. hooks nos convida a refletir sobre as definições de amor que nos foram transmitidas e a questionar se elas realmente nos servem.

Amar verdadeiramente vai além de apenas sentir emoções intensas. É um compromisso com o crescimento espiritual, tanto nosso quanto do outro a quem se ama. Isso significa que devemos dedicar tempo e energia para construir e manter o amor, através de ações concretas e da prática constante das qualidades que são importantes para nós. Quando adotamos essa abordagem, estamos mais preparados para criar relacionamentos que não apenas duram, mas também nos enriquecem e nos trazem felicidade emocional e espiritual. Isso exige um esforço contínuo para garantir que o relacionamento se mantenha saudável e gratificante. Por não termos desde cedo essa definição clara sobre o amor, acabamos tentando preencher esse vazio, essa sensação de sermos incompletos com múltiplos parceiros(as) ou com comportamentos que, na verdade, não satisfazem nossas necessidades emocionais mais profundas. Em *Amar, desamar, amar de novo*, Marcos Lacerda aponta que a sociedade dá um valor exagerado às experiências passageiras e à liberdade individual, colocando-as acima do compromisso e do envolvimento nos relacionamentos. Isso faz com que a ideia de "amar o próximo" seja vista como algo a ser consumido rapidamente e depois descartado (Lacerda, 2010, p. 9). Essas relações acabam tendo uma ausência da verdade para consigo mesmo e para com o outro, resultando em uma desconexão e encontros rasos.

Paralelamente, Lucy, uma mulher negra na flor da idade, vive uma liberdade pessoal e sexual que muitas mulheres brancas de sua época não experimentam. Sua condição de

estrangeira contribui para essa liberdade, pois ela não está sujeita às mesmas normas e expectativas sociais restritivas que regem a vida das mulheres brancas em seu novo país. Contudo, desde muito cedo, ainda em sua terra natal, Lucy começa a explorar e descobrir os prazeres do beijo, do toque e das primeiras intimidades físicas, como podemos ver a seguir em um *flashback* enquanto ela está tendo um momento íntimo com Tanner, um de seus parceiros:

One Saturday afternoon I was in the library behind a tin cupboard, looking at some old periodicals that contained articles I needed to read for a botany class. A boy I knew very vaguely—his mother and mine were in the same churchwomen’s fellowship—had been sitting at a table nearby, and suddenly he got up, walked over to me, and pressed his lips against mine, hard, so hard that it caused me to feel pain, as if he wanted to leave an imprint. I had two reactions at once: I liked it, and I didn’t like it. But after he pulled his head away I did the same thing to him, only now I placed my tongue inside his mouth. The whole thing was more than he had bargained for, and he had to carry his school-bag in such a way as to hide the mess in the front of his trousers. (Kincaid, 1990, p. 33)

Como ilustra o excerto, Lucy, em sua ousadia e impulsividade, coloca-se em uma posição na qual as outras meninas, por seguirem os passos de suas mães, de mulher recatada, jamais ousariam ocupar. Essa atitude de se colocar em igualdade com esse garoto ao dar um segundo beijo, colocando a língua dentro de sua boca, o surpreendeu, deixando-o sexualmente excitado. Essa primeira experiência física da protagonista mostra o quão cedo ela descobriu o seu próprio corpo, assim como o desejo e a intimidade com outras pessoas. Quando ela se permite explorar esse novo território, ela começa a entender as nuances da atração física e emocional. O segundo beijo, mais intenso, com a introdução da língua, marca um momento crucial em sua compreensão do prazer e do desejo. É como se fosse um ponto de virada, onde ela passa a ter uma compreensão mais profunda dessas sensações, do seu próprio corpo e do corpo do outro.

Posteriormente, nos Estados Unidos, Lucy conhece um homem chamado Tanner, na qual em um determinado momento ela se pega chupando a língua dele e se pergunta: “As I was sucking away, I was thinking, Taste is not the thing to seek out in a tongue; how it makes you feel—that is the thing” (Kincaid, 1990, p. 29). Durante esse processo de descoberta, ela percebe que não há nada no físico que possa conectar as pessoas ou trazer as sensações que o amor proporciona, ou que possa preencher o vazio. Ela percebe que é como nos sentimos que realmente importa quando ela tem o seguinte *flashback*: “I used to like to eat boiled cow’s tongue served in a sauce of lemon juice, onions, cucumber, and pepper; but cow’s tongue has no real taste either. It was the sauce that made the cow’s tongue so delicious to eat” (Kincaid, 1990, p. 29). As memórias afetivas construídas são o que realmente importa,

pois além de trazer essa sensação de nostalgia, têm o poder de nos fazer sentir menos vazios. Essas recordações, imbuídas de emoções e significados pessoais, oferecem uma profundidade que o físico por si só não consegue alcançar. Em contraste, o corpo físico, sujeito às leis do tempo, envelhece e se transforma inevitavelmente. Enquanto o corpo muda e se desgasta, as memórias e as experiências emocionais permanecem como uma fonte duradoura de significado e satisfação.

Assim, Lucy decide ter a sua primeira relação sexual com Tanner a fim de criar essa conexão, memórias boas e possivelmente o amor como ação e intenção, visto que o sexo é um momento de muita entrega e vulnerabilidade entre os envolvidos. Esse acontecimento aparece em um *flashback* enquanto ela está beijando Hugh e pensando em todas as bocas na qual ela colocou a língua dentro:

There was Tanner, and he was the first boy with whom I did everything possible you can do with a boy. The very first time we did everything we wanted to do, he spread a towel on the floor of his room for me to lie down on, because the old springs in his bed made too much noise; it was a white towel, and when I got up it was stained with blood. When he saw it, he first froze with fear and then smiled and said, "Oh," a note too triumphant in his voice, and I don't know how but I found the presence of mind to say, "It's just my period coming on." I did not care about being a virgin and had long been looking forward to the day when I could rid myself of that status, but when I saw how much it mattered to him to be the first boy I had been with, I could not give him such a hold over me. (Kincaid, 1990, p. 52-53)

Como podemos evidenciar, Tanner é o primeiro garoto com quem Lucy experimenta todas as nuances de um relacionamento físico e sexual. Ela não apenas explora a intimidade física, mas também nutre a expectativa de que ele será a pessoa com quem ela criará laços profundos, memórias inesquecíveis e uma conexão emocional que transcende o tempo. Por outro lado, não sabemos se Tanner tinha as mesmas intenções que Lucy. No entanto, é evidente que o ato de entrega da protagonista, ao ceder sua virgindade, foi algo que inicialmente o assustou ao ver o sangue. No entanto, a expressão "oh" que ele emitiu em seguida revelou um ar de conquista e triunfo, percebido claramente por Lucy. Lins argumenta que, "A conexão entre sexo e reprodução consistiu durante um longo período no único meio que as mulheres possuíam para convencer os homens a se comprometer num relacionamento" (Lins, 1948, p. 316). Nesse contexto, o medo que Tanner sentiu no momento, além da visão do sangue, estava também relacionado ao receio de perder sua liberdade. Em uma sociedade patriarcal tradicional, a situação de tirar a virgindade de uma mulher frequentemente implicava a obrigação de se casar com ela. No entanto, a situação de

Lucy era diferente. Por ser uma imigrante negra, longe de seu país e de sua família, as tradições patriarcais não se aplicavam a ela da mesma maneira. Lucy não tinha o mesmo poder de exigir um compromisso, e Tanner percebeu isso. Assim, a tensão e os medos iniciais de Tanner se transformaram em uma sensação de triunfo. Lins vai além e mostra como a sociedade age em relação à virgindade dos homens, elucidando porque Tanner estava triunfante além da falta de responsabilidade que teria ao tirar a virgindade de Lucy.

Na puberdade, o desejo sexual é tão intenso no homem quanto na mulher. O menino é incentivado por todos a ter sua primeira experiência sexual. Precisa provar logo que é macho. A menina, ao contrário, deve ser atraente e sedutora para os rapazes mas, ao mesmo tempo, manter uma atitude de recato em relação ao sexo. (Lins, 1948, p. 313-314)

Tanner, sendo homem, foi incentivado desde cedo a se relacionar com pessoas do sexo oposto. Como destaca Lins, devido ao patriarcado, ele é constantemente encorajado a explorar sua sexualidade e a afirmar sua masculinidade através de experiências sexuais. Esse incentivo não apenas normaliza, mas também glorifica as conquistas sexuais de Tanner, construindo sua identidade em torno da virilidade e da capacidade de sedução. Em contraste, Lucy cresceu em um ambiente onde sua mãe enfatizava a importância da pureza e da moralidade feminina. Na sua terra natal, a mãe de Lucy sempre deixou claro que não queria ter uma filha vista como "puta", referindo-se ao comportamento de se relacionar com vários parceiros. Este tipo de educação reforça a noção de que a sexualidade feminina deve ser controlada e restringida, promovendo a ideia de que o valor de uma mulher está ligado à sua castidade e capacidade de manter-se "pura" até o casamento.

Outro momento importante em que Lucy tenta se conectar e desenvolver algo mais profundo com outra pessoa ocorre durante uma celebração, quando Mariah apresenta Hugh, o irmão de sua amiga Dinah. Hugh é três anos mais velho que Lucy e já viajou pela África e Ásia, trazendo consigo uma experiência de vida rica e diversificada. Ao se aproximar de Lucy, sua primeira pergunta é "Where in the West Indies are you from?" (Kincaid, 1990, p. 42). Essa atenção ao seu lugar de origem marca Lucy de maneira especial, pois em sua experiência naquele país, poucas pessoas se importam com suas raízes. Quando mencionam sua terra natal, fazem isso de forma superficial, tratando-a apenas como um paraíso exótico sem problemas. Durante o processo de se conhecerem melhor, Lucy sente uma forte identificação com as palavras de Hugh, como se ele a conhecesse há muito tempo e a compreendesse profundamente, como podemos observar a seguir:

Isn't it the most blissful thing in the world to be away from everything you have ever known—to be so far away that you don't even know yourself anymore and you're not sure you ever want to come back to all the things you're a part of? I knew so well just what he meant, and it made me sigh and press myself against him as if he were the last thing in the world. He kissed me on my face and ears and neck and in my mouth. If I enjoyed myself beyond anything I had known so far, it must have been because such a long time had passed since I had been touched in that way by anyone; it must have been because I was so far from home. I was not in love. (Kincaid, 1990, p. 43)

No trecho acima, observamos que Hugh, com sua vasta experiência em viagens, encontra uma profunda felicidade em estar longe de tudo e todos que conhece. Para ele, essa distância das familiaridades de sua vida cotidiana traz uma sensação de liberdade tão intensa que, em determinados momentos, ele perde a noção de quem é, um estado de desapego de sua própria identidade. A protagonista, por sua vez, sente-se da mesma forma, pois para ela, a experiência de estar distante de casa e de tudo o que conhece proporciona uma liberdade e um alívio das pressões e responsabilidades que normalmente a cercam. Ao se encontrar longe de seu ambiente habitual, ela também perde, temporariamente, o sentido de sua própria identidade, permitindo-se ser alguém diferente, alguém livre das amarras de seu passado e presente conhecidos. Essa sensação de se redescobrir em um novo contexto é profundamente libertadora e ela se entrega completamente ao momento, buscando uma conexão física e emocional que parece intensificada por essa distância.

Ainda nessa passagem, o beijo de Hugh e a intimidade compartilhada entre eles simbolizam mais do que um simples encontro físico para Lucy; eles representam uma tentativa de encontrar um ponto de ancoragem em meio ao desconhecido. Para a protagonista, que se encontra afastada de tudo o que a define e sustenta, essa experiência íntima surge como um refúgio emocional. Após um longo período sem ser tocada ou desejada, ela é profundamente afetada, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente, pela presença de alguém que a reconhece e deseja. Contudo, ela distingue essa conexão entre eles do amor que é definido por bell hooks como “o ato da vontade, isto é, tanto uma intenção quanto uma ação” (hooks, 2021, p. 41), pois o amor requer um compromisso emocional, uma conexão profunda e os elementos essenciais discutidos no início do capítulo, que se desenvolvem ao longo do tempo. O que ela e Hugh compartilham é mais uma expressão de desejo e uma busca por conforto. Ambos, de certa forma, estão escapando das responsabilidades e complexidades de suas vidas cotidianas. Nesse contexto,

a intimidade entre eles está desprovida das expectativas tradicionais de um relacionamento amoroso: não há promessas, planos futuros ou a pressão de manter uma conexão duradoura.

Após essa conversa, ambos já estavam distantes de todo mundo, deitados na grama e sem roupas após terem feito sexo. Ela então se lembra de que não se protegeu da forma como sua mãe e Mariah haviam lhe ensinado. Um medo avassalador percorreu seu corpo, principalmente o medo de engravidar jovem e de sua mãe descobrir. Enquanto Hugh tenta acalmá-la, ela começa a ter *flashbacks* das primeiras mudanças corporais, como o surgimento de pelos pubianos e nas axilas, assim como a primeira menstruação. Ela também relembra os ensinamentos de sua mãe sobre o uso de ervas para provocar a menstruação caso ela não viesse, uma lição que sugeria, de forma implícita, a possibilidade de gravidez. Durante esse processo quase ritualístico, sua mãe foi muito gentil e amável com ela, guiando-a com cuidado e compreensão para a nova etapa de sua vida.

A cena descrita evoca um momento de intensa vulnerabilidade, destacando a fragilidade das barreiras impostas pela educação materna e pelas convenções sociais. O medo de uma gravidez indesejada e o pavor de ser descoberta pela mãe revelam as pressões esmagadoras que essa possibilidade traz, especialmente em uma sociedade onde o controle da mulher sobre seu próprio corpo é restrito, e uma gravidez inesperada pode traçar o rumo de toda sua vida. Como hooks (2021) observa:

Mulheres criadas nos anos 1950, antes que houvesse métodos anticoncepcionais adequados, eram extremamente conscientes da maneira como a gravidez indesejada poderia alterar o rumo da vida de uma jovem. No entanto, era claro que havia garotas que torciam por uma gravidez para se ligarem emocionalmente para sempre a um homem em particular. (hooks, 2021, p. 72)

A citação de bell hooks traz à tona uma questão central nas vidas de muitas mulheres: o controle sobre o próprio corpo e o impacto emocional e social de uma gravidez indesejada. No caso de Lucy, o medo de engravidar não está apenas atrelado à perspectiva de tornar-se mãe jovem, mas também ao sentimento de perda de liberdade que isso acarretaria. O receio de Lucy vai além do simples medo da descoberta por parte de sua mãe. Engravidar significaria, para ela, a interrupção de sua busca por autonomia, algo que é fundamental em sua trajetória. Lucy vê a gravidez como uma forma de aprisionamento, um laço que a obrigaria a abrir mão de sua independência e sonhos — coisas que ela valoriza profundamente ao tentar se desvincular das imposições e expectativas de sua terra natal, Antigua. Sua decisão de sair do país e viver nos Estados Unidos reflete uma tentativa de

romper com esse passado, e a possibilidade de uma gravidez representaria a recriação de vínculos que ela tem tentado evitar.

Além disso, a questão da rede de apoio é crucial. Lucy está sozinha nos Estados Unidos, sem o amparo familiar ou comunitário que poderia ajudá-la a lidar com a criação de um filho. Em Antigua, sua mãe era uma figura central em sua vida, proporcionando cuidados e direcionamento — como no ensinamento sobre o uso de ervas para provocar a menstruação. Contudo, nos Estados Unidos, Lucy não possui essa rede de suporte. A maternidade, nesse contexto, pareceria uma responsabilidade esmagadora, sem o auxílio emocional e prático que ela precisaria, o que agrava seu medo.

A citação de hooks também toca em um ponto interessante sobre o desejo de algumas mulheres de engravidar para criar um vínculo duradouro com um homem. Isso contrasta diretamente com os sentimentos de Lucy, que busca o oposto: a desconexão emocional e a liberdade dos laços que poderiam limitá-la. No contexto de Lucy, a gravidez representaria não apenas uma responsabilidade inesperada, mas uma ameaça à sua independência, ao seu direito de explorar a vida por conta própria e sem as amarras de obrigações familiares. Além disso, Lucy enfatiza que estar apaixonada ou amar alguém, neste momento de sua vida, poderia privá-la da liberdade dos laços afetivos que conquistou com tanto esforço. Essa percepção ressalta a complexidade das relações emocionais, em que o amor pode ser tanto uma fonte de conexão quanto uma ameaça à sua autonomia e à identidade que ela busca construir. Como retratado no seguinte trecho:

What made sense to her was that if you liked being with someone in that particular way, then you must be in love with him. But I was not in love with Hugh. I could tell that being in love would complicate my life just now. I was only half a year free of some almost unbreakable bonds, and it was not in my heart to make new ones. I could take in all of this very easily. (Kincaid, 1990, p. 45)

Para Lucy, o amor transcende a mera vivência de um sentimento romântico; ele se revela como um potencial entrave à sua autonomia e autoafirmação. Em suas conversas com Mariah, ela enfatiza que o simples fato de se envolver com alguém não garante amor ou paixão genuína. Essa reflexão é crucial, pois demonstra sua compreensão de que as relações não são construídas apenas em torno de vínculos emocionais, mas também são influenciadas por dinâmicas de poder e dependência.

Lucy está ciente de que amar alguém após a ruptura dos laços afetivos com sua mãe e sua família significaria reabrir feridas que ela ainda está tentando cicatrizar. A dor da

separação a leva a questionar não apenas suas próprias necessidades emocionais, mas também as implicações de se permitir formar novos laços. Para ela, engajar-se em um relacionamento romântico com Hugh poderia resultar em uma nova forma de subordinação, onde ela seria tratada novamente como "o outro",

Por fim, surge o último homem com quem Lucy se envolve: Paul. Após diversas experiências que a deixaram marcada e cética quanto ao amor, Lucy o encontra em uma festa para a qual sua amiga Peggy a havia convidado. Diferentemente de seus relacionamentos anteriores, nos quais ainda havia uma tentativa de encontrar algo significativo, o encontro com Paul não desperta nela a expectativa de uma conexão profunda. Em vez disso, ela sente curiosidade de explorar algo diferente, algo superficial, como uma distração do vazio que sente por dentro. Com Paul, Lucy se entrega a um impulso mais carnal e instintivo, sem idealização de amor ou de intimidade genuína, demonstrando que, dessa vez, ela está sem esperança de estabelecer uma conexão profunda e verdadeira:

And here I was also, a sort of weed in a way, and across the room Paul's eyes, a sparkling blue light, were trained on me; his eyes reminded me of a marble I used to have, my lucky marble, the one that, when I played a game with it, always won. This is usually the moment when people say they fall in love, but I did not fall in love. Being in such a state was not something I longed for. It was true that I had seen so little of the world that I hardly knew what I really thought of anything. In any case, as I looked at this man whose eyes reminded me of my winning marble, the question of being in love was not one I wanted to settle then; what I wanted was to be alone in a room with him and naked. He came over and sat next to me; he asked me where I was from; he touched my hair, and I could tell that the texture of it was new to him. I laughed a laugh that I could not believe came out of me; it was a gurgly laugh, a laugh shot full of pleasure and insincerity; it was the laugh of a woman on whom not long ago I would have heaped scorn. (Kincaid, 1990, p. 62 - 63)

Neste trecho, Lucy descreve seu encontro com Paul, revelando uma profunda desconexão emocional. Ao comparar-se a uma erva daninha, ela expressa um sentimento de inadequação e de estar fora do lugar, como algo indesejado que simplesmente existe sem propósito ou valor claro. Essa metáfora reflete seu estado emocional, em que se sente deslocada e incapaz de se enraizar em qualquer relação significativa.

Nesse cenário de envolvimento romântico e sensual, a troca de olhares entre Lucy e Paul é marcada por uma intensidade superficial. Os olhos de Paul, descritos como "a sparkling blue light" (Kincaid, 1990, p. 62), capturam o olhar de Lucy, lembrando-a de uma bola de gude da sorte de sua infância, que simbolizava vitória e sorte. No entanto, essa conexão visual não desencadeia uma sensação de amor ou desejo profundo em Lucy. Em

vez disso, ela percebe os olhares como uma forma de satisfação momentânea e carnal, mais do que um convite para um envolvimento emocional genuíno.

Os olhos de Paul remetem a uma época em que Lucy ainda acreditava em sorte, vitória e amor. No entanto, ao afirmar que "This is usually the moment when people say they fall in love, but I did not fall in love." (Kincaid, 1990, p. 63) Lucy deixa claro que não é o amor que ela busca nem espera um envolvimento emocional profundo. O desejo que ela sente por Paul é voltado para uma gratificação imediata, quase como uma forma de escapar de seus próprios sentimentos. A interação entre eles, marcada pela troca de olhares e toques superficiais, reforça a ideia de que Lucy está apenas em busca de satisfação momentânea, sem o desejo de se engajar em uma relação emocionalmente significativa. O riso que ela descreve, "it was a gurgly laugh, a laugh shot full of pleasure and insincerity" (Kincaid, 1990, p. 63) é a representação de sua dualidade interna. Por um lado, há o prazer físico e momentâneo, mas, por outro, há a consciência amarga de que ela está traindo a si mesma, adotando uma postura que anteriormente desprezava. Este riso, carregado de ironia, sugere que Lucy se vê cada vez mais distante de quem ela gostaria de ser, cedendo a uma versão de si mesma que ela não reconhece ou admira.

Em última análise, essa cena ilustra a profunda dissociação que Lucy sente entre suas ações e seus sentimentos. Paul representa a superficialidade e o vazio das conexões que ela agora busca, relações que não exigem envolvimento emocional ou a vulnerabilidade que o amor verdadeiro requer. Ao se envolver com Paul, Lucy não está buscando afeto ou compreensão, mas sim um alívio temporário para sua solidão e uma maneira de afirmar seu controle sobre sua vida, mesmo que esse controle seja meramente ilusório. A passagem ressalta o impacto da desilusão, da perda de esperança e da busca por algo que vá além do superficial, ainda que, no momento, Lucy pareça se resignar a aceitar menos do que merece.

Em um momento de vulnerabilidade e confiança, Lucy se abre com Mariah, revelando detalhes íntimos de seu relacionamento com Paul. Ao descrever suas experiências, ela não hesita em expor a intensidade e a novidade do que estava vivenciando, algo que a surpreendeu de várias maneiras. Lucy compartilha como grande parte de sua vida com Paul se desenrolava quase exclusivamente no quarto, onde a relação era marcada por uma fusão de curiosidade e desejo, explorada em suas formas mais cruas e diretas:

I began to tell her about my life with Paul, which was spent almost entirely in his bed. I told her everything that we did, all the small details that to someone with more experience of the world would have gone unnoticed. There was much to take

note of; except for eating, all the time we spent together was devoted to sex. I told her what everything felt like, how surprised I was to be thrilled by the violence of it (for sometimes it was that, violent), what an adventure this part of my life had become, and how much I looked forward to it, because I had not known that such pleasure could exist and, what was more, be available to me. (Kincaid, 1990, p. 71)

Esse relato de Lucy mostra como sua conexão com Paul é prioritariamente carnal, uma busca por prazer físico que a fascina por ser algo que ela nunca tinha imaginado existir ou estar ao seu alcance. Para ela, essa fase de sua vida se tornou uma espécie de aventura, um desvio intenso e inesperado da realidade, onde o prazer físico se sobrepõe a qualquer outra forma de vínculo ou afeto. A forma como ela descreve essas experiências revela tanto um fascínio pela novidade e pelo prazer que elas proporcionam quanto uma distância das implicações emocionais de um relacionamento baseado apenas no sexo.

Ao falar sobre essas experiências, Lucy expressa sua surpresa ao descobrir o quanto se sentia atraída pela violência presente em algumas dessas interações. Ela descreve esse aspecto de sua vida como uma aventura, algo que a emocionava e para o qual ela ansiava, pois até então não sabia que um prazer tão intenso poderia existir, muito menos que estaria ao seu alcance. Esse relato de Lucy para Mariah é um reflexo de sua busca por novas experiências e da curiosidade que a impulsiona. Em vez de buscar uma conexão genuína, Lucy se entrega ao prazer físico como uma forma de explorar sua própria identidade e desafiar as normas que lhe foram impostas.

Lucy não apenas descreve os aspectos físicos de sua relação com Paul, mas também reflete sobre a intensidade dessa nova descoberta do prazer em sua vida. Ela se encontra fascinada ao perceber que tal satisfação estava ao seu alcance, o que a leva a reavaliar suas expectativas e experiências anteriores. A cena retrata uma Lucy imersa em uma fase de autodescoberta, onde ela explora sua sexualidade de maneira intensa e se depara com sentimentos e sensações que nunca havia experimentado antes.

Esse relato não é apenas um desabafo sobre as experiências físicas, mas também uma reflexão sobre como Lucy, uma jovem que ainda está descobrindo o mundo e a si mesma, se sente em relação a essa descoberta do prazer e da sexualidade. A forma como ela se expressa diante de Mariah revela um misto de curiosidade, excitação e, uma busca por compreensão, uma tentativa de entender como essas experiências se encaixam em sua visão de si mesma e do mundo ao seu redor.

Em resposta à confidência de Lucy sobre sua intensa e carnal relação com Paul, Mariah revela sua própria experiência com Lewis, um sexo que, segundo ela, foi

profundamente insatisfatório. Mariah descreve que o ato sexual com Lewis foi marcado por falhas e desconfortos, mencionando que a ereção dele frequentemente falhava durante o ato, o que a deixou confusa e desolada.

Ao ouvir isso, Lucy é tomada de surpresa e começa a refletir sobre as implicações dessa revelação. A descrição de Mariah do sexo ruim como uma maçã podre em comparação com a doçura de uma maçã boa faz Lucy pensar na diferença entre suas próprias experiências e as de Mariah. A honestidade de Mariah a força a confrontar a natureza passageira e, às vezes, insatisfatória do prazer físico que ela busca com Paul. Renato Nogueira em *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor* destaca que, “Se um relacionamento conta com uma vida sexual ativa e satisfatória para ambos, ele tem mais chance de sucesso, pois o sexo aumenta a conexão entre as pessoas”. (Nogueira, 2020, p. 124). A afirmação de Nogueira evidencia como o desejo, ou a falta dele, pode minar a intimidade de uma relação e tornar qualquer tentativa de conexão física profundamente insatisfatória. No caso de Mariah e Lewis, essa ausência de desejo é um reflexo não apenas de problemas no plano sexual, mas também da desconexão emocional que permeia o casamento deles. O desempenho insatisfatório de Lewis, descrito por Mariah, acaba se tornando a gota d'água para a dissolução do casamento. O ato sexual, que deveria ser um momento de conexão, torna-se para Mariah um espaço de desilusão e frustração. A incapacidade de Lewis em manter uma ereção reflete não apenas um problema físico, mas também a ausência de desejo e intimidade emocional entre os dois, elementos essenciais para manter uma relação saudável. Essa falha reiterada no âmbito sexual, somada à infidelidade de Lewis com Dina, amiga de Mariah, aprofunda ainda mais a ruptura entre o casal.

Porém, mesmo diante do colapso iminente do casamento, Lewis se recusa a assumir qualquer responsabilidade afetivo-emocional. Ao invés disso, ele manipula Mariah de maneira sutil e persistente, fazendo com que ela se sinta culpada pelo fim do relacionamento. Lewis adota uma postura na qual faz Mariah se sentir culpada pelo fim do casamento. Ele exerce uma forma de *gaslighting*³, distorcendo a percepção de Mariah sobre a realidade e convencendo-a de que ela é a única responsável pela separação. Lewis manipula a situação de tal forma que Mariah, mesmo ciente dos problemas, começa a acreditar que é ela quem deseja o divórcio mesmo o amando, quando na verdade ele já havia abandonado

³ De acordo com o Dicionário de Cambridge, *gaslighting* é o ato de manipular ou controlar alguém ao induzi-lo a duvidar de sua própria percepção da realidade, muitas vezes fazendo a pessoa acreditar que está mentalmente instável. Trata-se de uma forma de abuso psicológico que distorce a percepção da vítima, levando-a a questionar seus próprios pensamentos, memórias e julgamentos.

emocionalmente o relacionamento: “Lewis had left her, but she really thought she had asked him to leave. She said they were getting a divorce” (Kincaid, 1990, p. 80). Esse comportamento controlador de Lewis exemplifica a dinâmica patriarcal que muitas vezes se manifesta nas relações, em que o homem, para manter o controle, evita a responsabilidade e joga a culpa sobre a mulher. O sexo, que já havia sido instrumentalizado como um jogo de poder e dominação, torna-se mais uma arena para a manipulação emocional.

A posteriori, enquanto Lucy está em uma loja de eletrônicos, à procura de uma câmera fotográfica para começar um novo hobby, ela conhece Roland, um funcionário simpático que a ajuda com suas dúvidas. A interação entre eles é marcada por uma química imediata e flertes sutis, criando um ambiente de sedução e curiosidade. A atração mútua se intensifica, e, após uma conversa animada, Lucy acaba indo para o apartamento de Roland. Apesar de seu envolvimento com Paul, Lucy não consegue resistir à tentação e acaba se envolvendo sexualmente com Roland. Essa escolha reflete não apenas uma instabilidade em seus relacionamentos, mas também uma busca constante por algo que parece faltar em sua vida. O ato de se entregar a Roland, mesmo sabendo que teria que encontrar Paul mais tarde naquela noite, simboliza uma tentativa de preencher o vazio emocional que ela enfrenta. A cena a seguir é um reflexo da complexidade emocional de Lucy, que se vê consumida por um sentimento de engano e desilusão:

I left Roland's bed only because I had told Paul that I would see him later that night. Paul was used to this. Peggy could not stand to be with the two of us, and so I would spend the first part of the evening with her and then go to spend the rest of the night with Paul. Always Peggy and I quarreled before we parted, but we knew we would speak to or see each other the next day. The night was cold; there was a wind. Roland lived on the opposite side of town from Paul, so I took a taxi; it was a half hour's ride away, enough time to bury a secret. At the door I planted a kiss on Paul's mouth with an uncontrollable ardor that I actually did feel—a kiss of treachery, for I could still taste the other man in my mouth. The cold wind had left my lips the texture of stale toast, but he ate me up as if I were a freshly baked cake. He was glad to see me and said, 'I love you,' and I thought, So that's what that sounds like when someone really means it. I kissed him doubly hard, and instantly I knew it was a mistake, for he mistook my enthusiasm for his love returned. (Kincaid, 1990, p. 73).

A citação revela uma profunda complexidade emocional em Lucy, refletindo o conflito entre desejo e lealdade. Quando Paul diz "I love you," (Kincaid, 1990, p. 73) ele expressa um sentimento que, para ele, parece genuíno e sincero. Esse ato de declarar amor é, para Paul, uma expressão clara de seus sentimentos, um momento de vulnerabilidade e autenticidade. No entanto, para Lucy, essa declaração é recebida através de um filtro de culpa

e traição. O beijo ardente que ela dá a Paul, mesmo ainda sentindo os vestígios de Roland, é descrito como "um beijo de traição" (Kincaid, 1990, p. 73). Esse ato reflete o desgosto e o desconforto internos que Lucy experimenta ao se sentir dividida entre dois mundos.

Lucy percebe o amor de Paul como algo verdadeiro, mas sua reação revela uma falta de alinhamento entre o que é externamente manifestado e o que é sentido internamente. A declaração de Paul é um ideal que parece autenticamente vivido por ele, mas para Lucy, o amor parece mais uma construção externa do que uma realidade interior. A sensação de "erro" que ela sente após o beijo indica um conflito profundo, onde a sinceridade do sentimento de Paul não se alinha com a confusão e a contradição emocional de Lucy. A frase "I kissed him doubly hard, and instantly I knew it was a mistake, for he mistook my enthusiasm for his love returned (Kincaid, 1990, p.73)" destaca ainda mais essa complexidade. O beijo intenso de Lucy é um ato carregado de contradições; embora ela se entregue com paixão, há um sentimento subjacente de arrependimento. Esse beijo não é apenas uma expressão física de afeto, mas também um reflexo de seu desejo de compensar a falta de sinceridade em seus sentimentos.

A consciência imediata de Lucy de que o beijo foi um erro revela a discrepância entre sua verdadeira emoção e a forma como Paul a interpreta. Para Paul, o entusiasmo de Lucy é visto como um sinal de amor genuíno e reciprocidade. No entanto, para Lucy, o ato de beijar com fervor é mais uma tentativa de ocultar sua culpa e disfarçar sua traição do que uma expressão autêntica de seus sentimentos. A diferença entre o que Paul acredita e o que Lucy realmente sente acentua o conflito interno dela. Esse momento de realização, em que Lucy percebe que seu entusiasmo foi mal interpretado, revela a profundidade de sua angústia emocional. Ela se dá conta de que, apesar do desejo e da paixão envolvidos no beijo, sua verdadeira intenção foi distorcida pela percepção de Paul. Essa distorção destaca a dificuldade de Lucy em alinhar suas ações com seus sentimentos reais, exacerbando o sentimento de traição e confusão. Nesse contexto, hooks (2021) afirma que:

Compreender todas as formas pelas quais o medo atravessa nosso caminho em direção a conhecer o amor é um desafio. Com temor de que acreditar nas verdades do amor e deixar que guiem nossa vida nos levará a mais traição, nos afastamos do amor quando nosso coração está cheio de desejo. Sermos amorosos não significa que não seremos traídos. O amor nos ajuda a encarar a traição sem perder nosso coração. E isso renova nosso espírito, para que possamos amar novamente. (hooks, 2021, p. 220)

Aqui, bell hooks revela como o medo de enfrentar a dor e a traição nos afasta do amor, e isso se conecta diretamente com a jornada emocional de Lucy. Quando hooks afirma que "compreender todas as formas pelas quais o medo atravessa nosso caminho em direção a conhecer o amor é um desafio" (hooks, 2021, p. 220), ela está descrevendo precisamente o dilema que Lucy enfrenta. O medo de Lucy, porém, não é um medo comum; é profundamente enraizado em um trauma que ela carrega desde a infância, a partir da relação com sua mãe, que foi a primeira e mais significativa traição em sua vida. Sua mãe, ao tratá-la como "o outro sem valor", minou a capacidade de Lucy de confiar em novos amores, pois ela teme que, ao se abrir emocionalmente, seja novamente descartada ou outremizada.

Esse medo de ser novamente vista como "o outro" impede Lucy de permitir que o amor genuíno entre em sua vida. Ao contrário, ela se entrega a relações superficiais e fugazes, como a que mantém com Paul e seu envolvimento com Roland, porque são seguras – não exigem que ela se vulnerabilize emocionalmente, nem confronte seus medos mais profundos. Lucy por sua vez, acaba replicando o processo de outremização vivenciado por ela em seus relacionamentos ao não criar vínculos profundos e descartar esses relacionamentos rapidamente, como uma maneira de evitar qualquer tipo de conexão que possa expô-la a novos riscos emocionais. Para Lucy, acreditar nas "verdades do amor" (hooks, 2021, p. 220), como hooks coloca, é arriscar ser traída de novo, algo que ela teme profundamente por conta do abandono emocional que sofreu de sua mãe.

No entanto, bell hooks destaca uma dimensão importante do amor que desafia essa visão de Lucy: "Sermos amorosos não significa que não seremos traídos" (hooks, 2021, p. 220). Para hooks, o amor verdadeiro não é um refúgio que nos protege contra a dor ou a traição, mas sim uma força que nos ajuda a enfrentar essas experiências sem perder a capacidade de amar novamente (hooks, 2021, p. 220). O amor, então, tem um poder de renovação, de cura, que nos permite encarar a traição sem nos destruir. Essa perspectiva é exatamente o que Lucy ainda não consegue aceitar pois, ela acaba se protegendo de qualquer envolvimento emocional profundo por temer que a dor que já sofreu se repita, e não acredita que o amor possa, de fato, trazer cura.

Subsequentemente, Lucy decide deixar a casa de Mariah e se muda para um apartamento com Peggy. No entanto, à medida que elas convivem, as diferenças entre Lucy e Peggy se tornam cada vez mais evidentes, gerando uma relação de amizade instável e marcada por conflitos velados. A sensação de deslocamento e a crescente tensão emocional

de Lucy fazem com que ela se sinta ainda mais distante de Peggy, apesar da convivência próxima. Lucy também consegue um novo emprego como secretária para um fotógrafo de comidas, mas essa nova fase de sua vida não traz a estabilidade que ela esperava. A relação com Paul, que antes parecia oferecer algum conforto, começa a desmoronar, refletindo os conflitos internos de Lucy e seu sentimento de insatisfação com a vida que está levando. Sentindo-se presa em uma situação que não atende às suas expectativas ou necessidades, Lucy percebe que precisa colocar um fim nessa relação.

À medida que o tempo passa, Lucy começa a notar um padrão estranho: Peggy e Paul, que estavam cada vez mais próximos, saíam de casa no mesmo horário com uma frequência inquietante. Essa coincidência desperta suspeitas em Lucy, que aos poucos foi se dando conta de que os dois provavelmente estavam se encontrando pelas suas costas, como mostrado a seguir:

I was alone at home one night. Peggy was on an outing by herself. Paul was on an outing by himself. I had noticed that this happened more and more; the two of them were busy at something, and I suspected it was with each other. I only hoped they would not get angry and disrupt my life when they realized I did not care. (Kincaid, 1990, p. 101)

Essa citação revela a complexa mistura de apatia e autoafirmação que caracteriza o estado emocional de Lucy. Ao perceber que Peggy e Paul, duas pessoas próximas, estavam provavelmente se encontrando pelas suas costas, Lucy não reage com o ciúme ou a dor que poderiam ser esperados em uma situação de traição. Em vez disso, sua reação é marcada por uma aparente indiferença, refletindo sua profunda desilusão com as relações humanas e a instabilidade de suas conexões afetivas. Ao proferir a frase "I only hoped they would not get angry and disrupt my life when they realized I did not care" (Kincaid, 1990, p. 101), Lucy indica o quanto valoriza sua independência emocional e física. Ela já se encontra tão desapegada das pessoas ao seu redor que o seu principal receio não é a traição em si, mas o potencial transtorno que poderia causar em sua vida. Isso mostra como Lucy se posiciona em relação aos outros: não como uma pessoa à mercê das emoções e ações alheias, mas como alguém que mantém uma distância deliberada para proteger seu próprio bem-estar.

Essa indiferença é uma forma de proteção, uma defesa que Lucy construiu para lidar com as constantes decepções e traições que enfrenta em suas relações. Ao se recusar a se deixar afetar pela possível traição, Lucy reafirma sua autonomia e o controle que deseja manter sobre sua vida. No entanto, essa postura também sugere uma solidão profunda, uma vez que a indiferença pode ser uma maneira de lidar com o medo de ser ferida ou

decepcionada. Lucy se coloca em uma posição de observadora, à margem das relações que a cercam, e essa escolha revela tanto sua resiliência quanto sua vulnerabilidade.

No final da obra, somos apresentados a uma Lucy profundamente transformada. Em um momento de solidão e introspecção, ela mergulha em uma rotina doméstica meticulosa, que revela mais do que uma simples preocupação com a organização do espaço ao seu redor. Cada ato – lavar a roupa íntima, esfregar o fogão, limpar o chão do banheiro, cortar as unhas, arrumar a cômoda e garantir que tem absorventes suficientes – é uma tentativa desesperada de impor ordem ao caos que habita em seu interior. Essas ações rotineiras e aparentemente banais ganham um peso simbólico: a ordem externa que Lucy busca estabelecer contrasta dramaticamente com a desordem emocional que a consome. A obsessão com os detalhes domésticos parece ser a única maneira que ela encontra para exercer algum controle sobre sua vida, em meio ao turbilhão de sentimentos e memórias que a atormentam. Essa meticulosidade, portanto, não é meramente uma questão de limpeza, mas sim um reflexo da luta interna de Lucy, uma tentativa de organizar não apenas o espaço físico, mas também seu mundo interno, dilacerado por suas experiências, perdas e a complexa teia de relações afetivas que ela construiu ao longo da narrativa, como ilustrado a seguir:

I washed my underwear, scrubbed the stove, washed the bathroom floor, trimmed my nails, arranged my dresser, made sure I had enough sanitary napkins. When I got into bed, I lay there with the light on for a long time doing nothing. Then I saw the book Mariah had given me. It was on the night table next to my bed. Beside it lay my fountain pen full of beautiful blue ink. I picked up both, and I opened the book. At the top of the page I wrote my full name: Lucy Josephine Potter. At the sight of it, many thoughts rushed through me, but I could write down only this: "I wish I could love someone so much that I would die from it." And then as I looked at this sentence a great wave of shame came over me and I wept and wept so much that the tears fell on the page and caused all the words to become one great blur. (Kincaid, 1990, p. 101)

Essa passagem destaca o momento em que Lucy confronta de maneira profunda e dolorosa sua própria vulnerabilidade e solidão. Quando ela escreve seu nome completo, "Lucy Josephine Potter", o ato não é meramente uma formalidade, mas um momento de autoafirmação profunda. Escrever seu nome completo a força a confrontar sua identidade, a reconhecer o peso de suas experiências passadas e a complexidade de quem ela é no presente. O nome não é apenas uma etiqueta, mas um símbolo de sua história, suas lutas e o percurso que a trouxe até esse ponto. Ao colocar seu nome no papel, Lucy se vê de frente com a totalidade de sua existência, algo que talvez ela estivesse evitando ou não conseguindo integrar plenamente até então. O desejo que ela expressa, em seguida, ao declarar "I wish I

could love someone so much that I would die from it” (Kincaid, 1990, p. 101), revela uma necessidade avassaladora por um amor que seja absoluto e transformador. Esse anseio é uma tentativa de preencher o vazio emocional que a acompanha, de alcançar uma intensidade emocional que ela sente faltar em sua vida. No entanto, a vergonha que surge imediatamente após esse pensamento reflete a complexidade de seus sentimentos. Para Lucy, esse desejo de amar tão profundamente é simultaneamente atrativo e aterrorizante. Ela reconhece o poder destrutivo que tal amor poderia ter sobre ela, o que a faz recuar e se sentir vulnerável por sequer admitir tal necessidade. Essa vergonha pode ser vista como uma defesa, uma forma de se proteger da possibilidade de um amor que poderia consumi-la e, potencialmente, destruir as barreiras emocionais que ela construiu para se manter segura.

As lágrimas que borram as palavras na página são um poderoso símbolo da incapacidade de Lucy de articular plenamente suas emoções. A frase escrita, que deveria ser uma expressão clara de seus sentimentos, acaba se tornando uma mancha indistinta, representando o caos emocional que ela tenta desesperadamente organizar. As palavras que se transformam em um borrão espelham sua luta interna — a clareza de seus sentimentos é rapidamente subvertida pela complexidade e pelo tumulto que eles causam dentro dela. Este momento de vulnerabilidade extrema, em que Lucy se permite sentir plenamente a profundidade de sua dor, é ao mesmo tempo um reconhecimento de sua humanidade e um confronto com as limitações que ela enfrenta ao tentar se conectar emocionalmente. A contradição entre seu desejo de amar intensamente e sua incapacidade de aceitar esse desejo reflete uma batalha constante dentro de Lucy. De um lado, ela anseia por uma conexão emocional profunda, por um amor que a consuma e a complete. Do outro, ela teme ser subjugada por esse amor, perder a independência e o controle que ela tanto valoriza. Este conflito interno é uma das forças motrizes da narrativa, mostrando como Lucy, ao longo da história, luta para equilibrar esses dois impulsos opostos. O desejo por amor é, para ela, um caminho para se sentir viva e conectada, mas também é uma ameaça ao senso de autonomia que ela passou a valorizar após tantas experiências de perda e desapontamento.

Portanto, no fim da narrativa, a transformação de Lucy é profunda e multifacetada. Ela emerge mais consciente de suas próprias limitações emocionais e do alto custo que a vulnerabilidade pode impor. Ao final do romance, Lucy se vê sozinha no mundo: desta vez, não como uma sentença punitiva, mas como um feito, uma realização de quem havia sobrevivido, ainda que com marcas e cicatrizes, os desmandes do (des)afetos. Ao seu lado, o caderno de capa de couro com páginas em branco (presente de Mariah), pronto para serem

preenchidas com a nova escrita de suas futuras vivências, como Lucy declarara a Mariah na ocasião em que saíra da casa daquela família: “I had said to her that my life stretched out ahead of me like a book of blank pages. As she gave me the book, she reminded me of that” (Kincaid, 1990, p. 100). Aqui, Kincaid deposita em Lucy, não o rancor ou o amargor de um coração despedaçado e machucado tantas vezes, mas um coração que mira o futuro de novos caminhos, de outras possibilidades de refazimento e da potência que é o desejo de amar.

Ao mesmo tempo, Lucy se torna capaz de reconhecer seus desejos e anseios, mesmo quando esses estão entrelaçados com a dor. Sua jornada é marcada por uma tensão constante entre a busca por conexões afetivas e o medo de ser consumida por elas. Esse dilema interno a obriga a navegar entre o desejo por autonomia e a necessidade de um amor que preencha o vazio de sua solidão. A narrativa de Lucy reflete uma luta íntima e complexa, na qual a personagem busca equilibrar esses dois impulsos aparentemente contraditórios: o de se preservar e o de se entregar ao outro. É essa batalha emocional que delinea sua trajetória e dá à sua história uma profundidade rica, revelando como o amor, em suas múltiplas facetas e ambivalências, pode nos curar e trazer o risco da perda, sempre nos impulsionando à grande aventura que é a vida construída nas teias das relações com o(s) outro(s).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões propostas neste trabalho buscaram examinar de forma crítica as dinâmicas afetivas vivenciadas pela protagonista Lucy no romance de Jamaica Kincaid, sob a perspectiva da colonialidade. A partir da análise, fica evidente como as marcas deixadas pelo colonialismo e pela experiência afrodiáspórica moldam profundamente as relações amorosas e interpessoais da personagem principal. Lucy, em sua jornada, enfrenta os desafios da desconexão emocional e do vazio existencial, fenômenos que encontram suas raízes nas estruturas opressivas herdadas do colonialismo. No decorrer deste estudo, podemos constatar que as intersecções entre gênero, raça, sexualidade, nacionalidade e afeto, permeiam tanto a vida pessoal da protagonista quanto às relações que estabelece com outras personagens. As complexas relações de poder, evidentes nas interações de Lucy com figuras de sua rede afetiva, ilustram as formas como as narrativas coloniais se infiltram nas relações cotidianas, muitas vezes mantendo padrões de subalternidade e exclusão. Nesse contexto, o afeto torna-se um campo de batalha simbólico e subjetivo, em que as questões de dominação e resistência estão sempre em jogo.

As diversas formas de amor – materno, romântico, o autoamor e de amizade – abordadas ao longo da obra, revelam que, para Lucy, o amor é simultaneamente fonte de dor, resistência e transformações. Ela busca, de forma incessante, construir uma identidade afetiva autônoma, dissociada das expectativas impostas pela colonialidade e pelas dinâmicas patriarcais. Contudo, seu percurso é marcado por desilusões e confrontos, tanto internos quanto externos, que revelam a dificuldade de se desvencilhar completamente dessas amarras históricas. Outro ponto central da análise foi a reconfiguração do amor dentro da perspectiva da diáspora afro-caribenha, em que as formas tradicionais de afeto são subvertidas pela experiência do exílio e pela herança de opressão. O amor, assim como a identidade, é constantemente reconstruído e ressignificado por Lucy, que se vê imersa em uma busca incessante por pertencimento e por afeto genuíno. Essa reconstrução do amor, no entanto, não é livre de contradições, pois as mesmas estruturas que a moldam também a restringem.

O estudo também ressaltou a importância das epistemologias do feminismo afrodiáspórico na compreensão do amor como uma forma de resistência e sobrevivência. Ao analisar as interações entre a protagonista e outras personagens, especialmente no que tange à maternidade, foi possível identificar como as relações afetivas podem ser vistas como

microcosmos das relações de poder mais amplas que governam as sociedades pós-coloniais. Lucy, ao assumir o papel de cuidadora para a filha de Mariah, por exemplo, reflete uma continuidade da figura da mulher negra como provedora de cuidado e afeto, em condições de subalternidade e servidão. Portanto, as relações afetivas exploradas na obra *Lucy* são profundamente impactadas pelas estruturas de poder impostas pelo colonialismo/colonialidade na diáspora.

Este trabalho demonstrou que o amor na vida da protagonista é multifacetado, revelando-se tanto como uma ferramenta de controle quanto como um meio de resistência. Lucy, ao longo de sua jornada, aprende que o amor, em todas as suas formas, está intrinsecamente ligado às estruturas sociais e políticas que definem sua existência. Por fim, este estudo contribui para o campo da literatura afro-diaspórica ao oferecer uma análise crítica que foca nas intersecções entre afeto, raça e colonialidade. Além disso, abre caminho para futuras pesquisas sobre o papel das emoções e das relações interpessoais dentro das narrativas literárias, especialmente aquelas de autoria negra, centradas em personagens negras e mulheres que enfrentam as complexidades de viver em um mundo antinegro marcado pela colonialidade.

Ao concluir este trabalho, não posso deixar de refletir sobre como as minhas experiências pessoais e acadêmicas contribuíram para a realização deste estudo. O amor, em suas diversas formas e complexidades, não apenas atravessou a trajetória da protagonista Lucy, mas também marcou profundamente a minha vida. A partir de minhas próprias vivências com o amor, pude entender melhor as camadas emocionais e afetivas que permeiam a narrativa de Jamaica Kincaid. Vivências como a desilusão amorosa que experimentei me aproximaram da dor e da busca de Lucy por uma forma de amor que transcendesse as expectativas e imposições de uma sociedade cisnormativa e heteropatriarcal.

Além disso, os projetos de pesquisa nos quais estive envolvido tiveram um papel transformador na minha compreensão teórica e crítica do amor. O projeto "Nós escolhemos amar", coordenado pela Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo, foi particularmente significativo, pois me proporcionou uma nova perspectiva sobre o ideal de amor na literatura afro-diaspórica. A partir dessas reflexões, fui capaz de trazer para este trabalho uma análise mais aprofundada das concepções de amor e afeto presentes em *Lucy*, ao mesmo tempo que relacionei essas concepções com as minhas próprias experiências. Essas vivências acadêmicas e pessoais entrelaçaram-se ao longo da minha formação e pesquisa, reforçando

em mim a importância de continuar explorando as diversas nuances do amor e suas intersecções com raça, gênero, sexualidade, classe e outros dispositivos identitários. A minha jornada acadêmica, guiada pelos projetos de pesquisa e as investigações provocativas em minha formação no curso de Letras-Inglês, permitiu-me entender que o amor é também uma forma de resistência e reinvenção, assim como uma escolha consciente pela vida e pela transformação dos mundos que nos habitam e aquele que habitamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Elis Regina Fernandes. *Outremização e Revide de Colonizado e Colonizador em The Narrative of Jacobus Coetzee (1974), de J.M. Coetzee*. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração em Estudos Literários, linha de pesquisa Literatura: teorias críticas e história) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006. Orientador: Prof. Dr. Thomas Bonnici.
- ADAMS, James. *The Epic of America*. New Jersey: Little, Brown and Company, 1931.
- BALDWIN, James. *If Beale Street Could Talk*. New York: The Dial Press, 1974.
- CANDIDO, Antonio. “Direitos Humanos e literatura”. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense*, 1989.
- CARIA, Thamis Malena Marciano. “Aspectos da condição feminina no antigo Egito”. In: *Revista Mundo Antigo*, Ano II, V. 02, N° 01, Junho de 2013. ISSN 2238-8788. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2013-1/artigo04-2013-1.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. 2. ed. New York: Routledge, 2000. (Perspectives on gender).
- EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. 1 edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis. “Qual é o poema de amor mais antigo da humanidade”. *Revista Pandora Brasil*, n. 35, p. 1-9, out. 2011. Universidade Mackenzie, Faculdade de Filosofia São Bento.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2021.
- _____. “Vivendo de Amor”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor> . Acesso em: 10 set. 2024.
- KINCAID, Jamaica. *Lucy*. 1. ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.
- LACERDA, Marcos. *Amar, desamar, amar de novo*. 1. ed. São Paulo: VR Editora, 2019.
- LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. 5. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: BestSeller, 1948.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*; Trad. Stephanie Borges. 1. edição. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2007.

_____. *Zami: A New Spelling of My Name*. Edição especial. New York: Quality Paperback Book Club, 1993.

LUGONES, María. “Rumo a um feminismo descolonial”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577> Acesso em: 24 de out. de 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “On the Coloniality of Being: Contributions to the Development of a Concept”. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

SALES, Cristian. “Das águas Ìyá Oxum: saberes ancestrais femininos em poesias negras diaspóricas”. *Revista Calundu*, v. 4, n. 2, p. 133, jul.-dez. 2020. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34575.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em: 25 out. de 2024.

TOLSON, Richard et al. *Antígua and Barbuda*. In: Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Antigua-and-Barbuda> . Acesso em: 2 ago. de 2024.